

A detailed oil painting of an elderly man with a long, full, light-colored beard and hair. He is wearing a dark, heavy coat over a white shirt. The background is a textured, brownish-gold color.

Jacob Holzmann Netto

Espiritismo
e
Marxismo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Nota a Parte

Já conhecia seu termo o trabalho de confecção desta obra, quando, mediante gestões empreendidas junto ao diretor da EDICEL, ficou concentrado que o MUE de Campinas avocará a si a obrigação de, para tal editora, traduzir o livro “Espiritismo Dialético”, de Manuel S. Porteiro. E fa-lo-emos para gáudio de todos os Espíritas conscientes, aos quais o estudo se incorporou à sua rotina de vivência doutrinaria. Dessa forma, não move aos universitários espíritas paulistas senão à vontade de colaborar, ainda mais, para que o Espiritismo seja levado a partilhar o convívio dos mais altos planos da cultura contemporânea.

Sumário

Apresentação - Karl Marx - Gênio e Profeta [Carlos Antônio Fragoso Guimarães].....	4
Comunismo [Leonardo Marques].....	14
Prólogo [Humberto Mariotti].....	17
Mensagem [Leonardo Marques].....	23

Jacob Holzmann Netto

I – O Idealismo Filosófico de Geley	
a) Geley e Kardec.....	27
b) O Dinamopsiquismo de Geley.....	28
II – O Marxismo como Dialética e como Materialismo.....	30
a) Os Dogmas do Materialismo Dialético.....	31
b) A Economia como Fator Essencial do Determinismo Histórico.....	33
III – O Conceito Dinamogenético da História Segundo o Espiritismo Dialético.....	35
a) A Interpretação Homem-Sociedade.....	36
IV – A Falência do Espiritualismo Religioso Clássico.....	38
a) A razão de Ser do Homem de Marx.....	38
V – A Conciliação do Socialismo com a Realidade Espiritual	
a) Materialismo e Socialismo.....	40
b) Socialismo e Espiritismo.....	41
VI – Pela Vivência Social da Doutrina Espírita.....	44

Contribuição – Capitalismo, O Sepulcro Caiado [Carlos Antônio Fragoso Guimarães].....	47
Notas da Equipe A Fagulha.....	56

Apresentação

Karl Marx - Gênio e Profeta

por

Carlos Antônio Fragoso Guimarães ¹

Karl Heinrich Marx (1818-1883)

"Uma das mais estranhas ironias da História é não haver limites para os erros de interpretação e as deturpações das teorias, mesmo numa época de acesso irrestrito às fontes; não há exemplo mais drástico desse fenômeno do que o acontecido com a teoria de Karl Marx nos últimos decênios. São constantes as referências a Marx e ao Marxismo na imprensa, nos discursos de políticos, em livros e artigos escritos por 'respeitáveis' cientistas sociais e filósofos; no entanto, com poucas exceções, parece que os jornalistas e políticos (especialmente no Brasil) sequer viram de relance uma única linha que seja escrita por Marx (...). Aparentemente sentem-se a salvo em seu papel de peritos no assunto, visto como ninguém com poder e status no campo da pesquisa social contesta suas afirmações ignaras".

Erich Fromm, Psicanalista.

"Marx não é (...) o filósofo da tecnologia. Também não é, como pensam muitos, o filósofo (do estudo) da alienação. Antes de qualquer coisa, Marx é o sociólogo e o economista do regime capitalista. Marx tinha uma teoria sobre este regime, sobre a influência que este exerce sobre os homens e sobre o seu vir-a-ser. Sociólogo e economista do que chamava de capitalismo e das suas transformações, não tinha (e não podia realmente ter) uma idéia precisa do que seria o regime socialista, e (antecipando seu tempo de ciência mecanicista-determinista) não se cansava de repetir que o homem não podia conhecer o futuro antecipadamente. Não tem fundamento, portanto, perguntar se Marx foi leninista, stalinista, trotskista, partidário de Gorbatchev ou de Mao. Karl Marx teve a sorte, ou a infelicidade, de ter vivido a mais de um século. Não deu respostas às questões desse tipo, que formulamos hoje. Podemos até fazer estas questões e procurar respondê-las por ele, mas as respostas serão sempre nossas, não dele (...). Perguntar o que teria pensado Marx significa querer saber, realmente, o que um outro Marx, um Marx do século XX, talvez, teria pensado no lugar do verdadeiro Karl Marx. A resposta, contudo, apesar de ser possível, é aleatória e de pouco interesse".

Raymond Aron, Cientista Social.

"A mudança do eixo econômico do Atlântico para o Pacífico, a tendência crescente do monopólio (em nítido contraste com a pregação de que o capitalismo precisa mesmo é de competição), a desigualdade mundial, o declínio da alta cultura (agora simplificada e de domínio global), a

¹ Formado em Psicologia Clínica pela UFPB, Universidade Federal da Paraíba, é mestre em Sociologia pelo Programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB.

Escreveu os Livros :

Percepção e Consciência, Um Estudo do Psiquismo Humano, Ed. Persona, João Pessoa, outubro de 1996;

Evidências da Sobrevivência, vencedor do Concurso Literário José Herculano Pires, promovido pela Editora Madras e pela U.S.E. São Paulo, 2003.

Carl Gustav Jung e os Fenômenos Psíquicos, pela Editora Madras, São Paulo.

formação de um mercado sem fronteiras, toda essa realidade já se prenunciava nos escritos de Marx”.

Carlos Haag, Analista econômico do periódico Valor Econômico.

"(...) Sem medo de erro, pode-se afirmar de imediato que, depois de Marx, é impossível o retorno à ciência social pré-marxista. Marx deu à humanidade olhos novos para que ela pudesse ver de modo diferente o mundo e a história dos homens. A influência do fator econômico sobre os fatos humanos não é invenção de sonhador”.

Giovanna Reale e Dario Antiseri, Filósofos e Historiadores.

Como fica claro nos pensamentos, acima transcritos, de alguns dentre tantos famosos pensadores de nosso século que compreenderam o impacto da obra de Karl Marx, a filosofia e a ciência deste alemão universal, ao mesmo tempo em que representa um dos mais agudos gritos contra o processo de coisificação, mecanização e alienação do homem pelo homem, contra sua perda de humanidade e sua transformação em objeto explorado, foi igualmente submetida a distorções, vilipêndios e manipulações - intencionais ou não - por parte dos pró-marxistas e dos não-marxistas, cada um tentando utilizar-se de Marx de acordo com sua própria e mesquinha visão de mundo. Talvez somente uns poucos, como o gênio Charlie Chaplin em seu filme Tempos Modernos, tenham tido um melhor insight sobre a mensagem de Marx do que muitos dos auto-intitulados marxistas militantes ou dos antimarxistas.

Esta página é claro, não tem a pretensão de expor Marx tal qual ele é... Para isso seriam necessários muitos megabytes de informação e um conhecimento tão ou muito mais enciclopédico e imparcial do que teria tido o próprio Karl Marx. Nem pretende demonstrar nada. Visa apenas apresentar resumidamente o homem Marx, a originalidade e o humanismo de sua obra e o seu incontestado impacto em todo o século XX, em acordo com autores mundialmente reconhecidos como estudiosos íntegros do pensamento marxiano, como Erich Fromm, por exemplo. Porém, mais do que tudo, esta página representa a minha leitura de Karl Marx a partir do próprio Karl Marx, especialmente o jovem Marx dos Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844.

O Homem Marx

Karl Heinrich Marx nasceu na Alemanha, em 15 de maio de 1818, na pequena cidade de Treves, filho de um advogado de origem judaica, Heinrich Marx, e de uma dona-de-casa, Henriette Pressburg.

O jovem Karl, sob o incentivo intelectual do pai, realizou os seus estudos básicos em Treves seguindo, posteriormente, para Bonn, cidade natal do grande compositor Ludwig van Beethoven, para estudar Direito. Karl, como a maioria dos jovens de todos os tempos, preferiu mergulhar no clima boêmio da cidade, imersa nos ideais do romantismo idealista de Schelling, Goethe e outros, que a se dedicar seriamente aos estudos das Leis. Por isso seu pai o transferiu para uma universidade mais disciplinada em Berlim, em 1836.

Ainda neste ano, o romântico Marx se apaixona e noiva secretamente com uma das mais belas mulheres de Treves, e tão jovem e idealista quanto ele: Jenny Von Westphalen, cujo irmão, Ferdinand, seria ministro do Interior da Prússia posteriormente. Marx casou-se com ela, finalmente, em 1843.

Em Berlim, Karl seguiu com destaque os cursos disciplinares e frequentou o "Doktor-Club", círculo de jovens e brilhantes intelectuais hegelianos. Lá eles discutiam a filosofia de Hegel e outros filósofos românticos. Em 1841, Karl laureou-se em filosofia.

Depois de formado, Karl tentou seguir a carreira acadêmica na universidade de Bonn com a ajuda de seu amigo, o teólogo Bruno Bauer. Mas este era considerado um teólogo progressista e ousado demais, e foi logo afastado da universidade, frustrando os anseios de Marx. Sem poder seguir seu sonho, Marx se dedica ao jornalismo, sendo o redator da "Gazeta Renana", órgão de concentração dos intelectuais da região. Logo Marx seria promovido a redator-chefe. Porém, como quase sempre ocorre, a força intelectual do jornal acabou por incomodar muitos 'poderosos' (o jornal não era governista nem mercantilista como boa parte da mídia popularesca do Brasil) e, após inflamar os ânimos da burguesia latifundiária tradicionalista de parte da Prússia, foi oficialmente interdito em janeiro de 1843.

Nesse mesmo período, a imensa produção intelectual de Marx estava em pleno vapor, mesmo que, no global de sua obra, estivesse ainda em seu início. Estudioso de Feuerbach, Marx escreve em 1843 a Crítica do direito público de Hegel, da qual a introdução foi publicada em Paris no ano seguinte por Ruge, nos "Anais Franco-Alemães", do qual Marx seria, a convite de Ruge, co-diretor. Na cidade Luz, Marx entrou em contato e foi bem recebido por vários grandes intelectuais como Proudhon, Blanc, Heine, Denizard Rivail, George Sand, Bakunin e, sobretudo, o seu grande amigo e colaborador de toda a vida, Friedrich Engels. Porém, mais uma vez, a ousadia e o impacto dos "Anais" acabaram por decretar o seu próprio fim, tendo sido publicado apenas um volume.

Marx, porém, com a ajuda de amigos da cidade alemã de Colônia, prosseguiu sua incansável pesquisa em filosofia e economia política. Foi nesta época que ele escreveu talvez a sua obra mais importantes antes de O Capital e, em muitos pontos, mais transparente e acessível ao pensamento de Marx que sua obra irmã posterior: Os Manuscritos Econômico-Filosóficos. Karl também contribuía com artigos políticos para o jornal dos artesãos alemães, o Vorwärts. Como este jornal tinha uma linha crítico-socialista e os artigos de Marx eram muito brilhantes, e como o jornal era lido por várias outras pessoas além dos artesãos a quem se dirigia, especialmente estudantes, a colaboração de Marx acabou por inflamar mais uma vez os ânimos farisaicos dos poderosos de todos os tempos, e Karl foi expulso da França em janeiro de 1845.

Passando a residir na Bélgica, Karl e Engels passam a aprofundar ainda mais seus estudos, com o apoio terno de Jenny. Em janeiro de 1848, Marx e Engels redigem o famoso e ainda altamente atual - em sua visão crítica do capitalismo - Manifesto Comunista, a pedido dos membros da "Liga Comunista" de Bruxelas. Com os movimentos sociais de 1848 na França, Marx volta a Colônia, na Alemanha, onde tentar novamente o jornalismo. Posteriormente, depois de lhe ser negada permanência em Paris, Marx vai para Londres, em 1849, onde permanecerá até sua morte.

Na capital do Reino Unido, Marx passa por toda sorte de dificuldades, mas com a ajuda de Engels e de seus artigos para vários jornais, Karl consegue se dedicar e aprofundar-se nos estudos de economia política, sociologia e história de tal modo que seu conhecimento e argumentação impressionam a todos os que o conhecem. Desta são as sementes que mais tarde iriam eclodir em O Capital, cujo primeiro volume, redigido por Marx, veio à luz em 1867, sendo os outros dois compilados por Engels a partir das notas originais e publicados após a morte de Karl, em 1883.

Dedicado quase que obsessivamente na atividade de organização política do movimento operário, Marx funda em Londres, em 1864, a "Associação Internacional dos Trabalhadores".

No período posterior, Marx se dedica febrilmente ao trabalho. Em 1881 morreu sua terna e doce companheira e grande incentivadora, Jenny. Semi-solitário, mas muito ativo Marx finalmente expira em 14 de março de 1883.

Originalidade e Importância da Obra de Karl Marx

Marx foi um grande homem e um gênio quer da Filosofia, quer da Sociologia, quer da Economia Política, e disso poucos ousam questionar, embora muitos - em especial os críticos que nunca o estudaram - costumem apontar suas "falácias". O grande problema surge quando o seu legado passa a ser 'apropriado' pelos seus seguidores e admiradores, ou mesmo - e principalmente - pelos seus inimigos (muitos e muito versados na obra do mestre), que é exatamente o mesmo problema no legado de outros grandes homens, como Sócrates ou Cristo, em especial quando tentam institucionalizar sua herança. Ainda hoje, mais de um bilhão de seres humanos vivem e são educados naquilo que se chama erroneamente de Marxismo (China, Cuba). Porém, há décadas que se sabe que este Marxismo não é o de Karl Marx, e tal qual ele se apresenta, a pouco de Marx e muito de outros, ou seja, está altamente contaminado. Este "Marxismo" é uma vertente interpretativa do pensamento de Marx e dificilmente seria aceita por ele, mas, infelizmente, se transformou numa ideologia rígida dos chamados países comunistas e foi, também, apropriada e altamente cristalizada tal como hoje se apresenta, calculadamente, pelos ditos capitalistas, sendo usada como arma para manter, por ambos os blocos, seu poder. De qualquer forma, não há que se negar que mesmo nestes países as conquistas sociais foram inúmeras. Dentre os bilhões de habitantes da China, ninguém passa fome, e em Cuba, apesar de um embargo econômico criminoso de mais de 40 anos contra a ilha indefesa, todos têm direito à educação, moradia e um dos melhores sistemas médicos do mundo. De qualquer modo, o poder intelectual de Marx abriu os olhos do ocidente para verdades terríveis de um modo de produção que explora e aliena o ser humano. De fato, tal foi à força e alcance de sua mensagem, que uns o usaram para obter o poder a qualquer custo, e outros, assustados com seu afiado bisturi, calculadamente deturparam suas idéias, inclusive falando as mais absurdas bobagens. Só um imbecil (e como os há, em especial quando servem de base para divulgar idéias propícias ao capitalismo) poderia responsabilizar Marx por desmandos de governos ditos "comunistas", do mesmo modo que só um imbecil poderia responsabilizar Jesus Cristo pelas Cruzadas, Inquisição ou pelo mercantilismo alienador de algumas seitas evangélicas. Por sinal, não faltaram televangelistas e radio evangelistas que chegassem a comparar Marx ao próprio Diabo, e incentivaram bastante as intervenções do imperialismo em vários países, usando e abusando da máquina de guerra para dizimar populações inteiras (em especial as que tenham escolhido a via socialista) e garantir os interesses comerciais, numa prática bastante sutil e bem própria do "amai-vos uns aos outros".

Como bem observa Francis Wheen:

A história do século XX é um legado de Marx. Vários ícones e monstros da era moderna se apresentam como seus herdeiros. Mas, se ele os reconheceria como tais, já é outra história. Mesmo durante a sua vida, as momices de pretensos discípulos costumava levá-lo ao desespero. Ao tomar conhecimento de que um novo partido francês se dizia marxista, ele respondeu que, neste caso, "Eu, pelo menos, não sou marxista". Não obstante, menos de cem anos depois de sua morte, metade da população mundial era dominada por governos que professavam ter no Marxismo seu credo norteador. As idéias de Marx transformaram o estudo da economia, da história, da geografia, da sociologia, da filosofia e da literatura. Desde Jesus Cristo, nenhum pobretão obscuro havia inspirado tanta devoção global - ou sido tão calamitosamente mal interpretado.

Não podendo abarcar toda o alcance e extensão da obra de Marx, que é um dos pais da Sociologia e presença obrigatória nos cursos de História e Filosofia, podemos começar dizendo que o pensamento de Marx é, fundamentalmente, uma tentativa de compreensão da sociedade capitalista, onde uma minoria (os capitalistas) dita as regras para o viver e o pensar de uma maioria (os trabalhadores). Marx se dedica analisar as contradições entre estas duas classes. A distância imensa e o desequilíbrio entre os que detêm os instrumentos para a produção, como máquinas e equipamentos vários, e a terra (meios de produção) e os que nada têm a não ser sua força de trabalho (os assalariados, empregados

e operários), constituindo duas classes básicas e cada vez mais polarizadas no sistema capitalista, é o que salta aos olhos nos primeiros estudos de Marx. A tensão entre estas duas classes, que a cada dia parece aumentar - mesmo que tacitamente - agora pode se mostrar em sua frieza já que não parece mais existir a ameaça socialista, desde o fim da União Soviética - e tal fim é amplamente propagado pelos meios de comunicação responsáveis pela divulgação da ideologia (visão de mundo) mais favorável ao capitalismo, e este pode agir como bem quiser, sem que haja o contrapeso 'marxista' para equilibrar seus exageros.

Os conflitos humanos resultante das desigualdades econômicas intrínsecas a estas duas classes são, para Marx, o ponto chave das sociedades industriais modernas, juntamente com o modo, a forma ideológica de manipular as idéias para que o grande povo não perceba o vínculo entre poder econômico e poder político e sua influência na qualidade de vida de todos (alienação política e cultural).

"A história de toda a sociedade humana, até nossos dias, é a história do conflito entre classes. Entre o homem livre e o escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre de ofício e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos se encontram sempre em conflito, ora disfarçada, ora abertamente, e que termina sempre por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou então pela ruína das diversas classes em luta". (Marx)

Karl Marx e Friedrich Engels - O Manifesto Comunista - 1848.

Portanto, para Marx, o que vemos constantemente na história humana é uma luta entre setores opostos, classes antagônicas, que, em seu processo de interação, buscam uma solução para as tensões econômicas resultantes de suas diferenças. E a sociedade atual capitalista, a sociedade da globalização econômica, não é diferente, ou é até ainda mais explicitamente antagônica do que a de outros tempos. Na verdade, a imensa maioria da população mundial depende de uma ridícula minoria para sobreviver. Estas detêm os meios de produção, ou seja, dos meios físicos necessários à produção (terra, maquinários, ferramentas, máquinas, instalações, etc.) que são inacessíveis ao homem/mulher comum, que não tem outra coisa para "vender" a não ser sua própria força de trabalho, que é considerada pelo capitalismo mais uma mercadoria, e cada vez menos valorizada.

Fala Marx em seus "Manuscritos Econômico-Filosóficos":

"Os salários tem parte de seu valor determinado pelo conflito entre o capitalista e o trabalhador. Neste, o capitalista sempre vence, impreterivelmente. Ele, afinal, pode viver mais tempo sem o trabalhador do que este sem aquele". Ora, desta forma, a pessoa do trabalhador passa a ser tratada como uma mercadoria ambulante - ou até menos que isso, já que a mercadoria "morta" não faz exigências por melhores condições de vida, e ainda pode ser vendida passivamente por um preço muito acima do que foi gasto em sua produção, dando bastante lucro. Ainda hoje, na contabilidade, o pagamento de salários não é registrado como investimento na produção, mas sim como "despesa".

Ora, o capital e seu sistema nada mais são que uma busca obsessiva pela acumulação crescente dos frutos do trabalho alheio (ao operário que produz algo é negada muitas vezes a possibilidade de poder comprar este mesmo algo que produz), o que implica que - ao menos na fase de expansão capitalista do século XIX (já que a de finais do século XX ficou escandalosamente pior com a globalização) - o crescimento econômico de um país se dá por um crescendo de alienação "quando uma quantidade cada vez maior dos frutos ou produtos produzidos do trabalhador lhe são retiradas, quando seu próprio trabalho o confronta crescentemente como propriedade alheia, e quando seus meios de vida e de atividade concentram-se cada vez mais nas mãos do patrão capitalista". Francis Wheen compara tal fato ao modo ocorrente em que "uma galinha inteligente (se existisse essa criatura improvável) teria a suprema consciência de sua impotência no auge da sua vida produtiva,

ao por uma dúzia de ovos com o suor e a dores de seu corpo e vê-los surrupiadados ainda quentes por quem nem de longe participa diretamente de sua produção".

Ora, numa nação onde há prosperidade econômica, há também uma crescente concentração de capital e de poderes ao seu redor junto com uma competição mais intensa, não só entre capitalistas, como também entre os trabalhadores, pelo inchamento de oferta de mão-de-obra jovem ávida por salários num mercado cada mais restrito. Continua Marx: "Os grandes capitalistas arruinam os pequenos, por absoluta impossibilidade de estes fazerem frente economicamente àqueles, e uma parcela destes pequenos empresários mergulha na classe trabalhadora comum, a qual, em vista desse aumento de seus integrantes, sofre uma nova depressão salarial (o aumento do exército de desempregados é usado como motivação para se reduzir salários dos operários na ativa) e torna-se ainda mais dependente das decisões do punhado de grandes capitalista que, em sua busca do maior lucro no menor tempo possível, dão de cima para baixo todas as condições e exigências aos quais o trabalhador não tem outra escolha senão a de submeter-se. Como o número de capitalistas diminui diante dos grandes cartéis e monopólios multinacionais, praticamente deixa de existir entre eles uma competição pelos trabalhadores, que em se apresentando em grande número, acaba por constituir-se em um contingente muito maior que a da oferta de empregos. Ora, sendo cada vez maior o número de trabalhadores, ano após ano aumenta a competição entre estes por uma vaga de trabalho, a batalha por um lugar torna-se ainda mais considerável, ANTINATURAL, DESUMANA E VIOLENTA". Quem não consegue emprego - e as exigências do deus "mercado" para tanto são sempre crescentes - precisa sobreviver de alguma forma. Quem nada tem, nada tem a perder a não ser a vida, daí o surto de violência urbana contemporânea - sem esquecer que se existem traficantes bem equipados, grande parte do dinheiro que eles conseguem advém da própria burguesia viciada que os sustenta. Mas quem consegue trabalho, nem por isso está em uma situação maravilhosa com melhores condições de dignidade humana. Este processo - que têm a frieza da lógica cartesiana dos gráficos da economia - aponta que, mesmo entre as economias mais propícias, e, ainda mais, como no caso do Brasil, nas economias "capengas", as únicas conseqüências para o infeliz trabalhador são, além do sentimento de "coisificação" e redução de homem em apêndice da máquina - um apêndice, de resto, descartável - é "o excesso de trabalho e a morte prematura, o estresse, o mal-estar, a redução à condição de máquina, a escravização ao capital". Isto foi escrito em 1848, mas Marx vai mais além, parecendo estar observando o século XX do pós-guerra: "Uma vez que o trabalhador é reduzido a uma máquina, a máquina em si pode confrontá-lo na condição de concorrente".

O processo, porém, chega a um ponto calamitoso quando os grandes monopólios produtivos e financeiros extrapolam seus países de origem e buscam consumidores em outros países, impondo toda uma cultura de consumo pelo consumo visivelmente suicida, já que esgotam os recursos naturais e humanos do planeta a uma taxa sempre crescente e irreversível. Fala Marx em O Manifesto Comunista o que todos os ecologistas dizem hoje em dia: "Pela exploração do mercado mundial, a alta burguesia imprimiu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países". Comenta Francis Wheen que "enquanto importa artigos exóticos, a burguesia impinge seus próprios produtos, gostos e hábitos a todas as outras pessoas". "Numa palavra", no dizer de Marx, "ela cria um mundo à sua própria imagem", sem se perguntar se o "MUNDO" natural agüenta toda essa imbecilidade. "Para reconhecer a veracidade disso", comenta Wheen, "basta visitarmos Pequim - a capital de uma nação declaradamente comunista -, onde o centro da cidade assemelha-se agora, estranhamente, a uma rua movimentada dos Estados Unidos, com lojas do Mcdonalds, da Kentucky Fried Chicken, da Haagen-Dez e do Pizza Hunt, sem falarmos das filiais do Chase Manhattan Bank e do Citibank em que se depositar os lucros".

Marx previra em vários de seus trabalhos, e em particular em "O Capital" - um dos livros mais importantes (e paradoxalmente um dos menos lidos na íntegra), e ainda menos compreendido - e por isso mesmo tão amplamente descartado pelos "intelectualóides" neoliberais da moda e outros ainda

piores - dos últimos trezentos anos, que o amadurecimento do grande capitalismo de oligopólios e monopólios internacionais provocaria crises e recessões econômicas periódicas e sempre mais graves, uma dependência crescente da tecnologia que aumenta a produção e o desemprego e cujo mal uso causa a maior parte dos crimes ecológicos atuais, bem como o crescimento antinatural, qual imenso Leviatã saturnino a devorar seus "filhos", de empresas transnacionais poderosas que, qual imensa aranha, projeta suas teias pegajosas aos quatro cantos do mundo, na sua insaciável e sempre exponencial fome de novos povos a explorar. E o que tem sido toda a história do século XX, incluindo duas Guerras Mundiais e centenas de outras menores, mas não menos assassinas (Vietnã, Coréia, Guerra-Fria, "Tempestade no Deserto", etc.) senão a expressão da fúria por mercados, povos ou áreas com recursos naturais necessários ao deus "capitalismo"? E a dominação mundial da McDonalds e da Microsoft? E o desemprego endêmico na hoje ex-potência econômica que é o Japão? E pior, com a revolução tecnológica que "deveria" facilitar a vida do homem, o que se tem acrescido é um número maior de exigências físicas, financeiras e intelectuais que tomam todo o tempo e forças do homem, tornado às 24 horas do dia muito pouco tempo para o tanto de exigências que se abatem sobre um trabalhador que tenta, mais que viver, sobreviver, sacrificando horas valiosas que poderiam ser usufruídas na companhia dos filhos, dos amigos e da auto-instrução, no que a professora, filósofa, editora, conferencista e escritora brasileira Rose Marie Muraro chama de "a espiral enlouquecida". Mas há mais de cem anos Marx já tinha plena consciência de para onde caminhava o capitalismo e seu incentivo no progresso tecnológico, que ao invés do que nos fazem crer, tem menos a ver com o conforto humano que com a produção de lucros para os vampiros do capital, como encontramos em O Capital:

"Os meios pelos quais o capitalismo aumenta a produtividade distorcem o homem comum trabalhador em um fragmento de homem, rebaixam-no ao nível de apêndice de uma máquina, destroem o conteúdo real de seu trabalho, transformando-o num tormento cheio de exigências a serem cumpridas; alienam dele as potencialidades intelectuais do processo de trabalho, na mesma proporção em que a ciência é incorporada neste como uma força independente, de pessoas pagas para pensarem pelas demais; deturpam suas condições de trabalho e o submetem, durante o processo de trabalho, a um despotismo que é ainda mais odioso por sua mesquinhez; transforma-lhe a vida em horário de expediente e atiram sua esposa e filhos sob as rodas do carro de Jagrená do capital (...). A acumulação da riqueza num dos pólos, portanto, é, ao mesmo tempo, a acumulação da miséria, a tortura do trabalho que deveria ser um lazer e fonte de satisfação pessoal, a escravidão intelectual e física, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no pólo oposto".

Mas isso pode se dar com características bizarramente caóticas em um mesmo país, no qual sua burguesia ajuda a importar valores e estilos do chamado "Primeiro Mundo" para atrair recursos e capitais externos, piorando a situação econômica interna.

Senão vejamos: no Brasil existe ou subsiste ainda uma forma bastante primária de capitalismo no Nordeste. No Sul, existe uma forma mais sofisticada, onde uma burguesia industrial e agrária convive com uma burguesia industrial internacional que impõe modelos de consumo e comportamento. Estes membros formam a força economicamente privilegiada da nação por deter em suas mãos os meios técnicos e físicos para a produção econômica. E para manter indefinidamente seu poder, é necessário resguardar sempre o domínio destes meios de produção o que é feito mediante o aperfeiçoamento técnico dos mesmos, daí a ênfase e o apoio nas chamadas ciências técnicas: engenharia mecânica e elétrica, computação, etc. Marx fala que "**a burguesia não pode subsistir sem transformar os instrumentos de produção e, portanto, as relações de produção** (ou seja, a forma como se dá à relação entre as máquinas e as pessoas que trabalham com elas), o que implica na transformação do conjunto das condições sociais (...). A burguesia criou forças produtivas mais maciças (por exemplo, as grandes fábricas mecanizadas) e mais colossais do que as que haviam sido criadas por todas as gerações do passado, em conjunto (op.cit). Desse jeito, é incentivado um

processo de mecanização e obsolescência, onde instrumentos que deveriam servir como auxiliares e meios (veja-se o caso dos computadores), por serem rapidamente descartáveis, se tornam fins em si, realimentando o processo, matando o emprego.

Surtem assim duas formas básicas de contradição na sociedade capitalista:

1º. Contradição entre os Meios Técnicos e as Relações de Produção. - Os capitalistas, ou seja, os donos das máquinas, da terra e das fábricas criam ou incentivam a criação incessante de meios de produção mais poderosos, por exemplo, novos computadores que controlam novos robôs, dispensando mão de obra humana e liberando o patrão de pagar os encargos sociais dos empregados. Os desempregados, que se aglomeram nas cidades, acabam formando um exército de mão-de-obra de reserva que, igualmente, é usado para inibir os operários e empregados que ainda trabalham e que podem ser facilmente substituídos pelos que estão desempregados, caso tentem causar problemas aos patrões. Mas as relações de produção, ou seja, as relações entre propriedade, trabalho e a distribuição das rendas não se transformam no mesmo ritmo, ao contrário, tenta-se sempre deixar aos detentores dos meios de produção todos os direitos que deveriam ser compartilhado com todos, inclusive a renda. Por isso a grande Belíndia (mistura entre Bélgica e Índia) ou o Texas-África que é o Brasil: uma perversa distribuição de renda que se mantém às custas da alienação política da nação, em grande parte mantida e incentivada pelos meios de comunicação de massa, como a mídia eletrônica que, em nosso país, é praticamente controlada pela Rede "Mundo" de Televisão, surgida na ditadura militar e sempre governista. Favelas ao lado de grandes prédios... Indústrias no Sul contra o sistema fundiário do Norte, etc.

2º. Contradição entre o Aumento das Riquezas e a Miséria Crescente da Maioria. - Os que não detêm os meios de produção, ou seja, a grandiosa maioria da população, ficam à mercê do que querem os detentores dos meios de produção. Ora, estes querem sempre obter mais lucros e garantir seu poder e padrão de vida, sendo assim, tentam minimizar as despesas com pessoal e manter o controle sobre o pensamento público. Isso aumenta o desemprego e afunila as maravilhas do mundo moderno, como educação e saúde, apenas para quem tem o poder de COMPRÁ-LOS. Empenhados em uma concorrência louca - que transborda as fábricas e recai sobre o modo de vida de todos e nas relações entre as pessoas -, os capitalistas não podem deixar de aumentar seus meios de produção e, com isso, ampliar o número de dependentes proletários e sua miséria.

Como nos fala Raymond Aron, "o caráter contraditório do capitalismo se manifesta no fato de que o crescimento dos meios de produção em vez de se traduzir pela elevação do nível de vida dos trabalhadores leva a um duplo processo de proletarização (os pequenos agricultores vedem suas terras para procurar empregos nas cidades) e pauperização (crescem os miseráveis nas favelas por falta de emprego)" (Aron, 1993, p. 137).

Sendo assim, o capitalismo alienou, isto é, separou, divorciou o trabalhador comum dos seus meios de produção, pois, por exemplo, um artesão não poderá competir com uma fábrica. Só lhe resta vender sua oficina e ir trabalhar nesta fábrica aceitando as ordens do patrão em troca de um salário pela venda de sua força de trabalho. A industrialização de lucro, a propriedade privada e o assalariamento separam o trabalhador dos meios de produção e do fruto de seu trabalho. Essa é à base da alienação econômica, fortalecida pela alienação cultural (os programas de televisão aos domingos traduzem bem isto), que ajuda na alienação política.

A alienação política se dá assim: o Estado, que é administrado pelos políticos eleitos, é mantido pelos que são eleitos devido não ao debate de idéias ou presença de competência, mas, na maioria das vezes, à manipulação da propaganda e dos meios de comunicação, às custas do abuso do poder econômico. Nisso, então, a Democracia passa a ser uma farsa, pois os direitos não são iguais entre os candidatos. O Aparentar, o Parecer suplanta o Ser. Basta ver o modo tendencioso da Rede "Mundo"

de televisão nas últimas três eleições presidenciais no Brasil para se ter uma idéia disso (a mesma poderosa organização da mídia eletrônica ajudou a “eleger” Collor de Mello e o acompanhava todos os domingos na sua maratona calculada na Casa da Dinda para, posteriormente, descartá-lo do cenário político quando seus interesses começaram a ser ameaçados pela mediocridade deste primeiro Dom Fernando). Assim sendo, os que estão no poder não representam o povo em si, mas a CLASSE ECONÔMICA DOMINANTE, ou seja, a dos grandes empresários, banqueiros latifundiários e entidades internacionais. FHC e ACM são os dois ícones máximos dessa representatividade elitista.

Os programas de comunicação de massa refletem bem essa ideologia do poder de um determinado grupo. A revista "Observe", por exemplo, juntamente com a Rede "Mundo" de Televisão fizeram e desfizeram tudo o que quiseram para enegrecer Lula e engrandecer FHC. Esquecendo facilmente que o maior Presidente Norte-Americano, Abrahan Lincoln, era um lenhador sem estudos, o pobre operário Lula foi avacalhado diante do nobre Doutor Sociólogo. Hipocrisias que trazem os frutos para que delas usam. Hoje os estudantes universitários são tachados de mal-educados por estes dois veículos de comunicação ao protestarem contra o sucateamento com vistas à privatização das universidades públicas, enquanto FHC é chamado de gentleman mesmo quando chama o povo brasileiro de caipira, os aposentados de vagabundos (hoje ele não os chama mais assim, é verdade. Ele apenas age com eles como se realmente o fossem), os sem-terra de maconheiros, etc... Muito imparcial esses instrumentos de comunicação.

Assim, mutilado e alienado, o homem só pode se recuperar sua condição humana se despertar e se educar. Educação? No Brasil isso não pode se dar, pois assim muitos iriam despertar para a sujeira política de nosso sistema, iriam ter uma visão crítica de mundo, como sonhava Paulo Freire. Assim, é melhor sucatear a educação pública e as universidades. Só os que têm dinheiro, e são do lado da burguesia dominante, ao menos concordantes com sua ideologia, é que podem e devem ser educados para, assim mesmo, ajudar a manter o sistema. Não é sem luta que os trabalhadores comuns podem burilar a si mesmos.

E, depois de conscientizado e esclarecido, o homem tem de agir politicamente para mudar o quadro de desigualdades. Quando isso ocorre, a tão propalada democracia, especialmente na América Latina, dá lugar ao apoio da burguesia e dos latifundiários ao Golpe Militar ou ao Golpe de Estado, para se proteger da ameaça marxista. Foi assim no Brasil com o infame Golpe de 64, foi assim no Chile, na Argentina. Fala-se muito das atrocidades dos "comunistas" mas se calam quanto aos porões das várias ditaduras das repúblicas de bananas da América Latina. Ainda pior e quase cômicas são as cruzadas de certos "intelectuais" de direita que, não podendo fazer frente ao poder intelectual de Marx, reconhecido e admirado no mundo todo, menos dos Estados Unidos e - por imitação subserviente - no Brasil, apelam para os maiores absurdos com o aval da mídia comercial, geralmente azo de grandes conglomerados industriais, para desacreditar os pensadores de esquerda, mesmo os mais úteis ao país, em especial no Brasil. Nomes como Roberto Campos ou do auto-intitulado "filósofo" - e também astrólogo - Olavo de Carvalho (articulista de um império de telecomunicações que põe e tira da presidência quem quer, desde que seja de direita, sob o comando de um nonagenário [Cidadão Kane tupiniquim](#), como diz o excelente documentário da BBC Brasil, Beyond the Citizen Kane) já são suficientes exemplos de tais "pseudo-pensadores". Para um aprofundamento desta questão veja a entrevista de Noam Chomsky para a jornalista Regina Zappa, intitulada ["Mídia e Poder"](#).

"Mas há um fenômeno que nem Marx nem eu tínhamos previsto: é que, no fim da década de 1990, depois do fim da Guerra Fria e da aparente vitória que para os ricos e bem postos seria a de Deus sobre Satanás, em que um sem-número de sabichões declarara que havíamos chegado ao que Francis Fukuyama chamou, presunçosamente, de o Fim da História, e depois de ter sido descartado pelos

liberais da moda, Marx viesse a ser subitamente saudado como um gênio pelos próprios velhos burgueses capitalistas maldosos. O primeiro sinal dessa reavaliação bizarra surgiu em outubro de 1997, quando uma edição especial do New Yorker rotulou Karl Marx de 'o próximo grande pensador', um homem que tem muito a nos ensinar sobre a corrupção política, o monopólio, a alienação, a desigualdade e os mercados globais. 'Quanto mais tempo passo em Wall Street, mais me convenço que Marx tinha razão', disse um rico banqueiro de investimento à revista. 'Estou absolutamente convencido de que a abordagem de Marx é a melhor maneira de pensar o capitalismo'. Desde então, economistas e jornalistas de direita começaram fazer fila para prestar homenagens semelhantes (...)."

Francis Wheen

É essa a mensagem básica de Karl Marx, e a sua grandeza. O conceito de alienação é, para mim, o mais básico e brilhante da teoria marxiana do capitalismo. Em muitos pontos, foi sua base humanista e filosófica que levou Marx ao estudo aprofundado da Economia e da História. Marx tinha o que hoje chamamos de consciência sistêmica ou ecológica das coisas, mas não desenvolveu muito - nem poderia com os recursos de seu tempo - um trabalho nesse sentido. Mas ele viu muito à frente do seu tempo. Ele fez muito para uma só existência e isso já basta. Seu trabalho foi levado adiante em nosso século por nomes como Rosa Luxemburgo, Antônio Gramsci, Edgar Morin, Jean Paul Sartre, Che Guevara, Mário de Andrade, Antônio Houaiss, Paulo Freire, Florestan Fernandes, Barbosa Lima Sobrinho, Chico Buarque de Holanda, Carlos Chagas... E podemos ver que o pensamento marxiano, no que tem de profundamente humanista, está concordo com os trabalhos progressistas e profundamente e cristão de Leonardo Boff, Dom José Maria Pires, Dom Hélder Câmara, ou de organizações como Greenpeace, ONGs várias, entre inúmeros outros nomes e associações.

"A alienação imputável à propriedade privada dos meios de produção se manifesta no fato de que o trabalho, atividade essencialmente humana, que define a humanidade (e criatividade) do homem, perde suas características humanas, já que passa a ser, para os assalariados, nada mais que um meio de sobrevivência. Em vez de o trabalho ser a expressão do próprio homem, o trabalho se vê degradado em instrumento, em meio de viver.

"Os empresários também são alienados, pois a finalidade das mercadorias de que dispõem não é atender a necessidades realmente sentidas pelos outros, mas são levados ao mercado para obter lucro. O empresário se torna escravo de um mercado imprevisível, sujeito aos azares da concorrência. Explora os assalariados, mas nem por isso ele é humanizado no seu trabalho, pelo contrário, aliena-se em benefício de um mecanismo anônimo". (Raymond Aron).

"Você pode dizer que sou um sonhador, mas não sou o único"

John Lennon

Comunismo

por

Leonardo Arantes Marques ²

– Para que haja uma verdadeira sociedade Comunista é necessário pressupor três situações: 1. ser totalmente transparente; 2. não possuir Estado e 3. não possuir leis. No comunismo pressupõe-se uma forma de governo onde se acredita em uma sociedade igualitária (igualdade absoluta), onde não haja propriedade privada ³. Aqui fazemos uma ressalva, pois quando nos referimos a uma dita igualdade absoluta (abstrata) essa só existe como pressuposição e não como ação de fato ⁴. Mesmo os marxistas mais exaltados sabem que uma igualdade absoluta converge a uma *não igualdade* (stalinismo, por exemplo). Um dos maiores cientistas sociais e político, Ruy Fausto (brasileiro), sério pesquisador das obras de Marx concorda que a igualdade *levada a seus últimos limites* (absoluta) é um mito. Existem querendo ou não diferenças internas relevantes – não postulamos nesse contexto e nem fazemos alusão a uma possível essência – que cada individuo constrói ao longo do tempo, desenvolvendo através dessa a legitimação social. Essa suposta igualdade absoluta pregada por alguns incautos e desconhecedores das obras de Marx, por si só destrói a *liberdade e ao mesmo tempo se inverte em não igualdade*. Querer postular uma igualdade absoluta como o fez Marx inocentemente e pensando talvez em um controle social e histórico do indivíduo, mostrado totalmente ineficaz por Freud em seus trabalhos sobre as pulsões é matar o que Marx tem de melhor em suas obras, ou seja, a possibilidade da crítica *posta* no Capital e uma possível *igualdade pressuposta* ⁵.

“Um fantasma ronda a Europa - o fantasma do Comunismo. É assim que Marx e Engels começam o Manifesto Comunista, lançado em 1848, ano conturbado devido às lutas entre forças conservadoras da nobreza e clero contra a burguesia que desejava se manter no poder, quando movimentos liberais e nacionalistas se traduziam em revoluções iniciadas na França e expandidas para outras regiões da

² Formado em Psicologia Clínica pela Faculdade Paulistana de Ciências e Letras de São Paulo, Historiador das Religiões, pós-graduação lato-sensu em Psicobiofísica.

Escreveu o Livro:

História das Religiões e a Dialética do Sagrado, a ser lançado em 2004, pela Editora Madras, São Paulo.

³ Japiassú, H. e Marcondes, D. Dicionário Básico de Filosofia, p. 48.

⁴ Kardec, A. O Livro dos Espíritos, perg. 881.

⁵ Kardec, A. O Livro dos Espíritos, perg. 803.

Europa. O Manifesto é um divisor de águas, indicando que o proletariado procura a expressão de sua própria ideologia, oposta ao pensamento liberal “⁶ .

Quando pensamos ou falamos de comunismo, logo nos vem ao pensamento à figura de Marx e Engels, esquecendo-nos que este sistema social era comum nos chamados povos primitivos que não tinham ainda definido um sistema de propriedade privada. Nos povos primitivos agrários (cultivo de grãos) e nos povos nômades onde a caça era a principal fonte de alimentação, tudo pertencia à tribo ou ao clã e não há um indivíduo em particular. Essas comunidades tinham como princípio básico, a manutenção e a sobrevivência da comunidade e dos mais fortes para a guerra. Mesmo nas guerras onde a luta era a forma de angariar terras e defender territórios, se fazia presente a necessidade de união e “solidariedade”. Claro que estes supostos “sentimentos” tinham o objetivo único de defesa da tribo e sua manutenção, sem necessariamente a preocupação com o individual. Em caso dos nômades, se algum indivíduo adoecesse no caminho da procura de novas terras e lugares para a manutenção da tribo, esse seria relegado à própria sorte e a comunidade continuaria a sua viagem. Para nós os ditos “civilizados” que adotamos uma pseudobondade, esse comportamento parece ser injusto, para uma comunidade que sobrevivia mais do que vivia dentro de um sistema “comunista”. Não esqueçamos que o coletivo para essas tribos sempre foi mais importante que o indivíduo e um doente só atrapalharia a viagem, assim muitas vezes o próprio indivíduo se afastava da tribo sem que essa soubesse. A virgindade, a “liberdade”, a suposta individualidade e muitos dos sentimentos que postulamos e temos orgulho de os tê-los é segundo Foucault e muitos outros pensadores, apenas uma mera invenção da propriedade privada e essa por sua vez criadora do Capitalismo como forma de verdade absoluta.

“O comunismo trazia uma certa segurança a todos os sobreviventes das doenças e acidentes da pobreza e ignorância da primitiva sociedade; mas não os arrancava à pobreza. O individualismo trouxe a riqueza, mas trouxe também a insegurança e a escravidão; estimulou as forças latentes do homem superior, mas intensificou a luta pela vida e fez o homem sentir amargamente uma pobreza que, sob o regime do comunismo, todos compartilhavam sem se sentirem oprimidos”⁷ .

Lendo atentamente as passagens do Novo Testamento, observamos que o Cristianismo ao tempo de Jesus ⁸ enfatizava o sentimento de igualdade entre os homens ⁹ . Sabemos que com o tempo o Cristianismo que pregou a suposta igualdade e a liberdade, escravizou, matou e aprisiona os homens em teias muito sutis e menos evidentes. Possivelmente esse

⁶ Aranha, M. L. A. e Martins, M. H. P. Filosofando - Introdução a Filosofia, p. 164.

⁷ Durant, W. Nossa Herança Oriental, cap. 2 item 3.

⁸ Lucas; 3: 10 a 14 e 16: 19 a 31.

sentimento capitalista existente hoje no Cristianismo tenha sido aumentado em grande escala pelo Protestantismo Luterano e Calvinista ¹⁰. O período econômico que a Europa passava era delicado, tivemos a Revolução Francesa no ano de 1789 e a Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX ¹¹, onde as teses luteranas sobre a riqueza e o capitalismo foram à ponte que faltava aos capitalistas para transformar o Cristianismo no mais puro capitalismo escravocrata ¹². Com o tempo a teologia de Calvino foi muito mais eficaz que a de Lutero, para a expansão do capitalismo e de uma suposta ordem geral. Genebra sempre foi o sonho de Calvino, tentou ao máximo possível demonstrar nessa cidade o quanto a *Cidade de Deus* era possível na terra, nem que para isso fosse preciso impor a lei cristã à base do bastão e da milícia armada de espada. O radicalismo chegava a ponto de se proibirem um corte de cabelo diferenciado, um vestido de cor muito acentuada, um chapéu impróprio e etc, tudo era motivo para o consistório investigar, se reunir e enviar um pedido de prisão ou mesmo de expulsão da cidade a pessoa acusada de não respeitar os preceitos estabelecidos na cidade “santa”. Tudo o que saía do Catecismo de Calvino e da Profissão de Fé editado por Farel seu fiel amigo e seguidor, eram heresias e deviam ser punidos com o “fogo” de Deus (*morte a todo aquele que blasfemar contra o nome do Senhor*), ou o espancamento e a humilhação em praça pública até retirar sua adesão à idéia contrária das de Calvino.

A Terra produz o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar a sua produção, segundo as leis de justiça caridade e amor ao próximo. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o que sobrar para um em determinado momento suprirá a insuficiência momentânea de outro, e todos terão o necessário. O rico, então, considerará a si mesmo como um homem que possui grandes depósitos de sementes; se as distribuir, elas produzirão ao cêntuplo, para ele e para os outros; mas, se as comer sozinho, se as desperdiçar e deixar que se perca o excedente do que comeu, elas nada produzirão, e todos ficarão em necessidade. Se as fechar no seu celeiro, os insetos as devorarão. Eis porque Jesus ensinou: "Não amontoeis tesouros na Terra, pois são perecíveis, mas amontoai-os no Céu, onde são eternos". Em outras palavras: não deis mais importância aos bens materiais do que aos espirituais, e aprendei a sacrificar os primeiros em favor dos segundos. Não é através de leis que se decretam a caridade e a fraternidade. Se elas não estiverem no coração, o egoísmo as asfixiará sempre. Fazê-las ali penetrar, é a tarefa do Espiritismo ¹³.

⁹ Mateus; 19: 16 a 30.

¹⁰ Armstrong, K. Uma História de Deus, p. 278 e seg.

¹¹ Durant, W. Nossa Herança Oriental, caps. 27 e cap. 31 item 2.

¹² Ling, T. História das Religiões, 7.10.

¹³ Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo; 25:8.

Prólogo

Respondendo a um gentil convite da revista A FAGULHA e de seus jovens diretores, para que escrevamos um prefácio para “Espiritismo e Marxismo”, do Dr. Jacob Holmann Netto, e que traçamos essas linhas, a fim de dar cumprimento à tão amistosa solicitação. Conhecemos de há muitos anos o autor do presente trabalho e nos aventuramos a dizer que pertence ao que bem poderia chamar-se “esquerda kardeciana”. Encontramo-nos, porém, diante de um jovem que, não obstante sua vocação socialista começa sua exposição com estas palavras: *Caríssimos irmãos em Jesus Cristo*, as ante quais certos “radicais” do Espiritismo, poderiam menoscar sua postura progressiva e revolucionária. Mas, apesar disso, o Dr. Jacob se nos apresenta como um dinâmico crítico espírita do Marxismo, no que se refere a sua concepção materialista do homem e da história, demonstrando-nos, assim, que a visão cristã que o Espiritismo tem do processo histórico com nada anula o vigor progressista que o caracteriza.

Estas palavras de Jacob, *Caríssimos Irmãos em Cristo Jesus*, nos falam do que significa o homem espírita forjado no ideal e doutrinariamente ao calor da codificação kardeciana, pois, como se verá, o Espiritismo não é um novo ópio religioso, a moda clássica, que vem a adormecer as consciências, como o supõem os supostos ortodoxos do Marxismo.

O Espiritismo é a nova Ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. E a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil. (ESE; 1:5).

Ao contrário, Jacob nos indica que, embora o espírito evangélico do homem espírita, sua visão do mundo e da sociedade responde aos mais elevados ideais de justiça e liberdade. Do que resulta que o Dr. Jacob, e com ele toda a juventude que convive com o processo histórico contemporâneo, não se aparta da essência evangélica do Espiritismo, apesar do seu afã de ver no mundo uma sociedade mais equitativa no que respeita a justiça social.

E isto nos leva a pensar que a juventude universitária dos nossos tempos é que dará cumprimento, dentro do movimento espírita, à grande determinação de Léon Denis “Dar uma alma ao Socialismo”. Com efeito, o presente estudo tende a essa sublime finalidade: espiritualizar o Socialismo e descobrir no processo dialético da história a sua dimensão idealista e psicológica, sobre a base espírita do Espírito em sua situação encarnada e desencarnada.

Isto posto, sem subestimar a obra de notáveis homens espíritas já maduros, cremos que a juventude compete levar o Espiritismo aos planos de cultura moderna, especialmente à juventude espírita universitária, que está mais preparada para contrastar os diversos valores científicos, filosóficos do Mundo Moderno. E este trabalho assim no-lo demonstra, pois cremos que pode enfrentar os mais severos simpósios universitários, já que, com sua análise do Marxismo, coloca a filosofia espírita, axilologicamente considerada, ao mesmo nível do materialismo histórico e dialético e ao dos mais graves problemas da filosofia contemporânea.

Nota-se em Jacob, um novo espírito militante que ressoa com notáveis pensadores espíritas, já entrados em anos, como José Herculano Pires, Remo Fedj, André Dumas, Manuel S. Porteiro, Santiago A. Bossero, Hugo L. Nale, os quais colocam o pensamento kardeciano frente aos mais delicados problemas da civilização moderna. Alegra-nos agora que com o Dr. Jacob se engrandece a lista dos que elaboram um novo humanismo social à luz do Idealismo Espírita, pois assinala-nos ele que o Espiritismo não será sobrepujado por nenhum fato científico ou filosófico. Mas o de que a doutrina espírita necessita é de homens preparados para julgar e sentir a evolução do Mundo Moderno, de acordo com suas evoluções e progressos através das grandes concepções ideológicas que nos oferece a Codificação Kardeciana. Só assim o Espiritismo será reconhecido [e aceito pelas supostas verdades “científicas” e metodologias filosóficas atuais] como uma verdade pela gnosiologia atual e penetrará o processo evolutivo dos povos com a força espiritual mais viva e verdadeira que terão visto os tempos.

E isto é que nos faz pensar que a juventude não deverá envelhecer ao ritmo das coisas já caducas e superadas. Ademais, na concepção espírita da vida não cabem os anos do corpo, assim como no Espírito não contam essas relatividades objetivas de espaço e tempo. Na visão espírita da história só se nos mostram a dinâmica revolucionária das almas e a beleza do progresso sobre a base da eterna juventude das idéias. Por isso cremos que o futuro pertence ao Espiritismo e que Kardec resplandecerá sempre como uma estrela no céu científico, filosófico e religioso da humanidade.

O presente estudo contribuirá para demonstrar que não é pelas vias do materialismo dialético que se manifesta a nova sociedade humana. Ele acentua que o Idealismo não foi ultrapassado, como supõem [alguns pseudos informados] teóricos do Marxismo, posto que a filosofia espírita possui os elementos necessários para comprovar que é a Idéia que rege a marcha da história e, portanto, é o Espírito quem modifica a sociedade e não os chamados “modos de produção”, como afirmou em alguns momentos Marx [e ainda vem sendo aventado essa possibilidade por alguns incautos do pensamento Marxiano. Se considerarmos o homem apenas como um SER eminentemente histórico, não teremos homens, apenas história].

*Discutir o estatuto da relação homem/ natureza/ espécie humana em Marx também nos leva além da história em sentido estrito, mas num outro sentido. Leva-nos, digamos, aquém da história, pois, no interior do Marxismo, a relação homem/ natureza, assim como a relação homem individual/ espécie humana estão presentes, mas não no plano do discurso posto, mas só como pressuposições*¹⁴.

Eis porque consideramos que o Espiritismo será mais bem conhecido se avocar o estudo dos fenômenos sociais e históricos vale dizer, se penetrar na essência viva do que determina esse violento espetáculo social chamado “luta de classes”. E este trabalho do Dr. Jacob tende a isso, pois deixará confundidos quantos hajam suposto que o Espiritismo era uma manifestação do demônio e, entre os esotéricos, o produto fenomenológico de larvas e cascões astrais.

Sustentamos, portanto, que o Espiritismo, na hora atual da humanidade, se afirmará – triunfantemente, diríamos – mais pelo estudo dos problemas sociais que pela análise exclusivamente científica, já repetida até o cansaço, dos fenômenos mediúnicos. E ele nos explica que o processo histórico se acelerará, por lei de evolução, mais pela interpretação espiritual do homem e de seu verdadeiro sentido existencial, o que nos demonstra que a Lei de Sociedade se cumprirá amplamente para desembocar na Lei de Igualdade assentada na Lei de Justiça, Amor e Caridade.

Se o Espiritismo, como movimento histórico, se distanciasse dos fenômenos sociais por considerá-los de natureza política, renunciaria a missão transcendente que lhe compete cumprir: restabelecer os valores do Cristianismo a luz da filosofia palingenésica. De modo que tudo quando se faça para que o Espiritismo penetre no processo histórico da humanidade não será senão cumprir com as diretrizes traçadas por Kardec, quando falou da ação que o movimento espírita desenvolveria no que ele chamou de *período social*.

O Espiritismo realizará na sociedade o que já está realizando no campo religioso. Sua visão, com efeito, revolucionou o conceito clássico de religião; elaborou outra ciência religiosa, ultrapassando assim o estreito espaço dos dogmas e atingiu as profundezas do Espírito, até demonstrar que o autenticamente religioso está na essência divina do indivíduo. Deste modo, diz-no o saber espírita, se dá execução ao desenvolvimento da Lei de Adoração¹⁵. Do mesmo modo ele atingirá a essência dos fenômenos sociais e produzirá com suas luzes uma revolução social sem necessidade dessa força catastrófica que determina a luta de classes, visto que a gerará por uma absorção pacífica dos fenômenos contraditórios da sociedade, mediante a aplicação da Lei de

¹⁴ Ruy Fausto – Marx: Lógica e Política, p. 15

¹⁵ Kardec, A. O Livro dos Espíritos, perg. 649 a 673.

Justiça¹⁶, Amor¹⁷ e Caridade¹⁸, mostrando-se assim como feliz consequência os benefícios da Lei de Igualdade¹⁹.

Por outro lado, é sumamente importante a interpretação que o Dr. Jacob faz da ideologia de Gustave Geley, esse insigne codificador da filosofia científica do Espiritismo, a qual se parece tanto, no social a de José Ingenieros, o talentoso pensador argentino e mestre da juventude latino-americano. O pensamento de Geley pode proclamar-se como a filosofia Espírita da Universidade Moderna, já que possui elementos filosóficos adequados à juventude contemporânea. Cremos, por isso, que Kardec é o codificador espírita no universal, enquanto Geley representa a expressão da ciência do Ser a cultura universitária moderna. Mas tanto Kardec quanto Geley se consubstanciaram entre si belas grandes raízes de uma mesma verdade.

Louvável, portanto, que Jacob Netto, haja penetrado no pensamento geleyano, já que o grande sábio francês se encontrava olvidado entre os estudiosos espíritas, até mesmo em França, de cuja situação só podemos excluir André Dumas, o inteligente autor de “A Ciência da Alma”. É uma obra como a de Gustavo Geley, não merece tão ingrato esquecimento de parte do Velho Mundo; mas nós outros confiamos em que os intelectuais espíritas, especialmente a juventude latino-americana, saberão reivindicar uma tarefa filosófica tão importante como a do autor dessa fonte inesgotável da filosofia palingenésica, como o é o livro “Do Inconsciente ao Consciente”, cuja solidez metafísica é capaz de resistir, como continuação que é da codificação kardeciana, às mais pujantes críticas do Marxismo feitas à concepção idealista do homem e da história.

O Espiritismo é a única Ciência do Espírito que possui realmente duas naturezas para estabelecer um autentico conhecimento do Ser e da Sociedade, já que participa em sua elaboração científica, filosófica e religiosa do objetivo e do subjetivo, vale dizer, do visível e do invisível. Daí que só sua doutrina dentro da cultura moderna, poderá dar ao Idealismo²⁰ uma verdadeira base espiritual, o qual foi rechaçado como fator reacionário pela filosofia marxista.

Sem embargo, à luz do pensamento espírita a visão idealista do homem e da sociedade é uma realidade assentada sobre os fatos mediúnicos, especialmente nos de ideoplastia, tão bem estudados por Geley. É por isso que o Marxismo perde vigor e validade científico-filosófica quando faz da Idéia um reflexo determinado pela realidade material na mente do individuo. De tal modo, o Marxismo se limita antropologicamente ao reduzir o homem a um sujeito destinado à morte e ao

¹⁶ Ibid. 812, 873 a 877.

¹⁷ Ibid. 883, 884, 888 e 906.

¹⁸ Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo; 14:3.

¹⁹ Kardec, A. O Livro dos Espíritos, perg. 803 a 824.

nada. Coloca-se, assim, ao nível dos demais sistemas cujas aspirações éticas deixam-se capturar nas garras de um niilismo desolador e anti-humano.

Se bem que não seja uma religião, o Marxismo, não obstante, em suas concepções dialéticas, abarca toda a vida do Ser e do Universo, pelo que toca nos maiores problemas metafísicos e religiosos. Por isso, ante a morte, o Marxismo a uma ciência inerte e só se limita a apoiar-se em raciocínios naturalistas que em nada diferem dos que nos da o materialismo mecanicista e vulgar.

A Morte é soberana frente ao Marxismo, razão por que toda sua ciência social fica reduzida ao silêncio. O filósofo marxista sabe que seu mestre Karl Marx se perdeu para sempre nas sombras do nada e que seu Ser já não participa do desenvolvimento de sua ideologia no mundo. Mas a nova consciência da humanidade pede algo mais que a existência de um homem mortal: pede aos gritos um novo Ser, uma nova visão do Espírito e da História, uma nova forma de existir que o vincule ao passado, ao presente e ao futuro através de um Ser eterno e atuante, nascendo, morrendo e renascendo para dar forma a uma nova imagem da realidade histórica em cujo desenvolvimento seja ele um ativo e dinâmico protagonista.

Contudo, o Marxismo, apesar do vigor social que o caracteriza, a somente uma idéia na mente do homem, chamada, por lei de destruição, a se extinguir e se perder entre as brumas da morte. Daí que o autêntico Socialismo esta na Idéia e no Espírito; vive em estado latente na natureza profunda dos seres e na realidade divina e criadora das Palavras do Nazareno. Pois não haverá autentico Socialismo sem a concepção espírita do homem e da sociedade, nem se aplacará a luta, de classes enquanto a filosofia da história não souber que a criatura humana, como todo o existente, evolui do menos ao mais por meio de uma palingenesia dinâmica e criadora que aproxima o homem a Deus, ate transfigurá-lo totalmente como Espírito encarnado e desencarnado.

Esta a razão pela qual o Espiritismo é a única base para o estabelecimento na Terra do Socialismo, tal como ressuma do Evangelho de Jesus. O Marxismo cumprira, sem duvida, sua missão histórica, mas será o kardecismo que completaria sua obra no que respeita à Justiça Social, para cuja tarefa aplicará no todo o pensamento do Galileu, fonte inesgotável do mais puro e real dos sistemas socialistas.

O presente trabalho merece ser estudado a luz da situação histórica do nosso tempo, pois (repetimos) a penetração do Espiritismo na cultura e nas massas se dará mais facilmente

²⁰ Japiassú, H. e Marcondes, D. Dicionário Básico de Filosofia, p. 134

por meio do Humanismo Espírita que pelos fenômenos mediúnicos observados de um ponto de vista exclusivamente científico. Porque então os gabinetes e laboratórios também abrirão suas portas aos deserdados, recordando que Jesus não ficou inativo entre penumbras da Sinagoga, senão que se mesclou com o povo em meio ao qual realizou sua divina obra de redenção humana.

O filósofo espírita deverá proceder da mesma maneira e o Dr. Jacob Holzmann Netto, destacado intelectual brasileiro, assim o entendeu ao se defrontar com o vigor científico do Marxismo contemporâneo.

Humberto Mariotti

Buenos Aires, novembro de 1969.

"Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes". (Marilena Chauí, Filósofa).

Mensagem

“Quando a pessoa é iluminada com o conhecimento pelo qual a ignorância é destruída, seu conhecimento revela tudo, assim como o Sol ilumina tudo durante o dia” (Gita; 5:16).

O Espiritismo como Ciência Evolutiva do Espírito, está longe de ter chegado ao fim ou a Verdades Absolutas (*Summum Bonum*) sobre qualquer assunto ou tema. Como qualquer ciência, está posto e aberto a questionamentos e críticas. É sabido que existe falhas e lacunas não respondidas, como qualquer ciência é limitada, precisando de outras ciências para responder suas pesquisas e observações. Ignorar esse fato seria o mesmo que fechar os olhos ao aspecto mais importante do Espiritismo e deixar o espírito de sistema tomar o curso das coisas. Não aceitar novas idéias, apenas porque não concordamos não é pratica de um cientista, não suportar críticas ou outras verdades contrárias ao Espiritismo é apenas provar que deste nada sabemos. Kardec foi um cientista eminente devido ao seu comportamento frente a outras verdades e pensamentos científicos. Sabia muito bem, que os Espíritos que a ele vinha através dos médiuns, eram seres individuais com suas verdades e opiniões pessoais sobre os assuntos abordados.

“As manifestações espíritas são os efeitos das propriedades da alma” (Kardec, 1864).

Existem lacunas a preencher na interpretação e no discurso do Espiritismo, como em qualquer outro pensamento científico. Não esqueçamos jamais que a ciência como as religiões vivem e sobrevivem de sua própria crença (fé), dando sentido àquilo que defendem como verdade. Imagine por um minuto a possibilidade de um freudiano recusando-se a acreditar ou rechaçando a possibilidade da existência do inconsciente proposto por Freud em 1915, ou melhor: *supor a existência a respeito do inconsciente é necessária e legítima*²¹. Por outro lado, imagine agora um darwiniano simplesmente recusando toda a teoria evolucionista proposta por Darwin em seus trabalhos, com toda a certeza, ele não seria um darwiniano. Para o freudiano, como para darwiniano sua ciência preconiza um sentido de existência através da fé e da crença (dogmas especiais), como qualquer boa ciência. Mas a diferença está justamente em preconizar essa fé ou busca de sentido, pois “preconizar a fé cega (ou pretender a Verdade Absoluta) sobre um ponto de vista é confessar a impotência em demonstrar que se tem razão”²².

²¹ Freud, S. Obras Completas, VOL. XIV (1914-1916) - JUSTIFICAÇÃO DO CONCEITO DE INCONSCIENTE.

²² Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo; 19:5.

Crença – do latim: *cretendia*. Opinião que se adota com fé e convicção²³. “Há uma distinção entre a crença num conjunto de propósitos e a fé que nos possibilita depositar nossa confiança nelas”²⁴.

838. *Toda crença é respeitável, ainda mesmo quando notoriamente falsa?* (L.E.).

- *Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem. As crenças reprováveis são as que conduzem ao mal.*

839. *Somos repreensíveis por escandalizar em sua crença aqueles que não pensa como nós?*

- *Isso é faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensamento.*

840. *Será atentar contra a liberdade de consciência opor entraves às crenças que podem perturbar a sociedade?* (L.E.).

- *Podem reprimir-se os atos, mas a crença íntima é inacessível. Reprimir os atos externos de uma crença, quando esses atos acarretam prejuízo aos outros, não é atentar contra a liberdade de consciência, porque essa repressão deixa à crença a sua inteira liberdade.*

Quem recusar-se a admitir que o Espiritismo possui lacunas a preencher, está completamente equivocado sobre o verdadeiro Sentido (Ser-para-Si) do papel do Espiritismo na sociedade e frente à ciência. Se os Espíritas comportarem-se como os religiosos comuns que não aceitam sobre nenhuma hipótese críticas das chamadas Escrituras “Santas”, não serão melhores que os primeiros. Se os Espíritas acreditam que as obras de Kardec transmutou-se em algo divino e adquiriu com o tempo uma aura santa, não podendo com isso ser questionada como uma verdadeira ciência do Espírito, sem o medo de serem fulminados. Não aceitando o fato da ciência Espírita (ou qualquer outra ciência) ser questionada ou criticada é por abaixo tudo o que Kardec propôs, sistematizou e estruturou para um possível Espiritismo Científico.

Se uma ciência não suporta críticas, não pode ser chamada de ciência.

No surgimento do Espiritismo, vários pensadores e cientistas aderiram as suas fileiras. Alguns “converteram-se” a fé (sentido) espírita, outros apenas ficaram no campo científico ou filosófico auxiliando no entendimento e explicação científica dos fenômenos examinados pelo Espiritismo. Entre esses cientistas podemos destacar Leon Denis que se transformou ao longo do tempo em um filósofo da praticidade, fazendo uma análise da formação do SER e das diversidades religiosas existentes no mundo, dentro de uma abordagem existencialista de cunho essencialista. Camille Flammarion: astrônomo e físico francês que aos dezenove anos ganhou o prêmio Nobel de física. Ernesto Bozzano: psiquiatra filósofo e metapsiquista italiano. Gabriel Delane: engenheiro químico francês e escritor espírita. Willian Crookes: químico Inglês que ajudou no desenvolvimento

²³ Japiassú, H. e Marcondes, D. Dicionário Básico de Filosofia, p. 58.

²⁴ Armstrong, K. Uma História de Deus, Introdução, p. 7.

da tabela periódica e estudou de perto os Fatos Espíritas. Henri-Louis Bergson: filósofo francês que ganhou o premio Nobel de literatura com seu livro “inspirado” A Evolução Criadora e alguns outros trabalhos como As Duas Fontes da Moral e da Religião. William James: médico, filósofo e psicólogo inglês, iniciador do Funcionalismo, estudou de perto os fenômenos religiosos e suas causas em seu livro As Variedades das Experiências Religiosas. Gustavo Geley: médico biólogo e pesquisador Espírita francês. Arthur Conan Doyle: autor do Imortal Sherlock Holmes e da consagrada História do Espiritismo. Alexandre Aksacof: cientista e pesquisador russo de renome internacional, sua obra mais conhecida e divulgada ente os Espíritas é *Animismo e Espiritismo*. Victor Marie Hugo: escritor francês e segundo á história espírita amigo pessoal de Allan Kardec. Carl Gustavo Jung: psiquiatra Suíço responsável pela estruturação da Psicologia Analítica analisou os fenômenos mediúnicos ²⁵ dentro de um referencial psicológico dos complexos autônomos e dos arquétipos. Joseph Banks Rhine: psicólogo americano e fundador da Parapsicologia. Charles Robert Richet: cientista e fisiologista francês, fundador da ciência chamada Metapsíquica. Nem todos esses pensadores e pesquisadores citados acima, abraçaram o Espiritismo ou o defenderam como causa de fé ou verdade, mas de uma forma ou de outra todos acabaram pesquisando e escrevendo a seu respeito. Particularmente, Rhine e Richet desenvolveram e estruturaram boa parte de suas teses e pensamentos após pesquisarem os fenômenos apresentados pelo Espiritismo, dando na medida do possível uma conformação científica aos fenômenos ditos mediúnicos ²⁶.

Se algo dentro do Espiritismo não está de acordo com as ciências provadas atualmente, o Espiritismo como Ciência Evolutiva do Espírito tende a modificar o seu ponto de vista em relação a este ponto, desde que este seja realmente parte de um pressuposto científico ²⁷ e não apenas uma mera convicção [As convicções são prisões – Nietzsche].

“Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente” (Kardec, 1857).

Leonardo Arantes Marques
São Paulo, Abril de 2003

²⁵ Jung, C. G. Psicologia em Transição; item 172.

²⁶ Pires, J. H. Parapsicologia Hoje e Amanhã; p. 201.

²⁷ Rizzini, C. T. Psicologia e Espiritismo, p. 168.

Do apóstolo Paulo ao discípulo Timóteo na memorável Epístola: "Ninguém despreze a tua mocidade, mas sê um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. Até que eu vá, aplica-te à leitura, à exortação, e ao ensino. Não negligencies o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbítero. Ocupa-te destas coisas, dedica-te inteiramente a elas, para que o teu progresso seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e do teu ensino; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (I; 12 a 16).

Caríssimos irmãos em Cristo Jesus: Que a Paz do
Mestre Divino a todos nos envolva!

I – O IDEALISMO FILOSÓFICO DE GELEY

a) Geley e Kardec

René Sudre, o célebre psiquista que os espíritas tão bem conhecemos pela irredutibilidade em sua não-admissão da sobrevivência individual e cujos conceitos Ernesto Bozzano refutou com mestria na primorosa obra "Metapsíquica Humana", editada em português pela Federação Espírita Brasileira, teve ocasião de escrever referindo-se ao Dr. Gustave Geley e fazendo perfunctória apreciação da filosofia geleyana, como um tributo de admiração à memória do eminente Diretor do Instituto de Metapsíquica Internacional, que acabava de morrer em consequência de um estúpido acidente – René Sudre, dizíamos, teve ocasião de escrever que, "se a filosofia de Allan Kardec pode ser considerada como o ensino introdutório do Espiritismo, a filosofia de Geley é o Ensino Superior".

A afirmação de René Sudre, se entendida não no sentido de que Geley haja superado e aposentado Kardec, mas no sentido de que Geley desenvolveu e aprofundou as teses de Rivail a luz dos conhecimentos novos e novas descobertas da ciência do primeiro quarto deste século, fará justiça a um e outro, porquanto, em que pese seu escrúpulo – aliás, compreensível e legítimo, quando se atenta para sua posição de diretor de um instituto científico – de não se pronunciar abertamente sobre um tema que sabia lhe carregaria o repúdio da opinião oficial da ciência. O Dr. Gustave Geley foi um espiritista convicto, aceitando do Espiritismo as três verdades fundamentais (a imortalidade da alma, a reencarnação e a comunicação com os mortos), e, tanto quanto Kardec, que declarara ser de inteira vantagem a quem quer que se queira tornar espírita o estudo prévio da teoria, asseverando, embora sem menosprezo dos fatos, que se poderia abstrair das manifestações mediúnicas sem que a doutrina deixasse de subsistir²⁸, Geley afirmou que a sobrevivência individual não é tanto demonstrada diretamente pelos fatos metapsíquicos quanto o é indiretamente pela "Síntese Filosófica Racional" da evolução e do indivíduo.

Não obstante separados por uma geração, Kardec e Geley sustentaram, pois, o mesmo ponto de vista; e quem quer que conheça a obra de um e de outro há de reconhecer que o maior mérito do Dr. Gustave Geley – dilatando, não há negar, a magnífica exposição metódica que o apóstolo lionês teve a audácia de propor numa época de encoscorado materialismo, onde o ceticismo era uma questão de moda e de bom-tom – foi o de ter legado a posteridade seu esboço de uma filosofia racional palingenésica, que corroborando as assertivas de Kardec, promove autêntica revolução nos postulados da Fisiologia, como da Psicologia, da Filosofia, das Ciências Naturais, da Religião e da Moral, explicando o até então inexplicável, solucionando o angustiante problema do mal (pedra de toque de todas as teologias), revelando ao indivíduo a razão de seus sofrimentos, fundamentando a legitimidade de suas esperanças de justiça, fraternidade e afirmando a realização da consciência eterna no desenvolvimento infinito.

²⁸ Kardec, A. O Livro dos Médiuns, item 32.

b) O Dinamopsiquismo de Geley

O idealismo filosófico de Geley, eminentemente dialético e ainda mais científico do que o sistema proposto por Oliver Lodge em "A Formação do Homem", ele o expõe em seu livro "Do Inconsciente ao Consciente", que tivemos a oportunidade de ler na edição Argentina de "Constância", e repousa sobre dois postulados capitais:

1º.) O que há de essencial no Universo e no indivíduo é um dinamopsiquismo único, primitivamente inconsciente, mas que contém em si todas as potencialidades de suas futuras metamorfoses: as aparências diversas e inumeráveis das coisas não são mais do que meras representações daquele princípio.

2º.) O dinamopsiquismo essencial e criador passa, pela evolução, do inconsciente primitivo ao consciente realizador.

O Dr. Geley penetrou, assim, o conhecimento da teoria da unidade substancial, ao concluir que "a forma não é senão uma ilusão temporal", o que corresponde plenamente aos avanços da Física moderna, que hoje fala de materialização e desmaterialização da energia, como a Metapsíquica nos diz de materialização e desmaterialização de forças psíquicas supranormais.

Em termos filosóficos geleyanos, portanto, o organismo não é o indivíduo; pelo contrário, não é mais do que a representação desse indivíduo: "o complexo orgânico se nos oferece não como o indivíduo completo, senão como um produto ideoplástico do que há de essencial no indivíduo – um dinamopsiquismo superior, que é o próprio indivíduo em sua essência".

Considerando o eu como um dinamopsiquismo essencial, Geley destruiu as já frágeis noções da Psicologia clássica, que o tomam como a soma de estados de consciência, e conceituou, sempre assentando suas conclusões sobre os fatos, que o dinamopsiquismo inconsciente tende, pela evolução, a converter-se em dinamopsiquismo consciente. Segundo sua concepção, o progresso espiritual e psicológico não é outra coisa que não a conversão dos conhecimentos em faculdades, as quais se adquirem por experiências, através das vidas sucessivas, na evolução palingenésica do ser. Da mesma forma, a evolução é, para Geley, "a passagem do inconsciente ao consciente no Universo... quanto o indivíduo, também o Universo deve conceber-se como representação temporal e como dinamopsiquismo essencial e real; assim como o organismo não é senão um produto ideoplástico de um dinamopsiquismo essencial, o Universo não se apresenta senão como a formidável materialização da potencialidade criadora".

De acordo com esse princípio, a evolução se resume a um processo de aquisição da consciência, tanto no microcosmo quanto no macrocosmo, o que explica muito melhor as faculdades evolutivas do que é capaz o transformismo clássico e faz compreender como o mais pode sair racionalmente do menos, posto que a imanência criadora que está na essência mesma das coisas possui todas as capacidades potenciais de realização.

"O indivíduo, o ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, limitado em suas capacidades, efêmero em sua duração – proclama Geley – não é o ser real, mas tão só uma representação ilusória, atenuada e fragmentaria: o ser real, aprendendo pouco a pouco a conhecer-se e a conhecer o Universo, é a chispa divina no caminho de realizar sua divindade, infinita em suas potencialidades, criadora, eterna. Também no Universo manifestado, as diferentes aparências das

coisas são meramente a representação ilusória, atenuada e fragmentária da unidade divina, a realizar-se majestosamente numa evolução sem fim. A constituição dos mundos e dos indivíduos não é senão a realização constante e ininterrupta da consciência eterna, por via da multiplicidade progressiva de criações temporais e de objetivações sucessivas no tempo e no espaço".

E é então que o gênio de Geley opõe seu idealismo filosófico ²⁹ à estreiteza concepcional do existencialismo [e em especial do Marxismo e do historicismo ³⁰] ateu, que nos arrasta irresistivelmente, pela perspectiva inalterável da morte e do caos, ao mais puro pessimismo: "existes efemeramente, constróis sem esperança e sem objetivo, lutas sem sentido nem direção, vives para morrer". Contra tão cru e amargo pessimismo filosófico, só o ensino e a idéia da doutrina palingenésica podem subsistir, devolvendo ao homem seu amanhã e substituindo a visão do nada pela da imortalidade e progresso. Assim, afiançava Geley, "tudo se esclarece: as tumbas deixam de ser tumbas; são asilos passageiros para o fim da jornada das ilusões. E assim como se desvanece, pela idéia palingenésica, o caráter fúnebre da morte, também assim se derrui o monumento de injustiça edificado pelo evolucionismo clássico. Já não há na evolução sacrificados nem privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras desembocarão na realização da justiça e na preparação do bem; mas o bem e a justiça para todos, porque todos teremos contribuído para a justiça e o bem".

"O objetivo da evolução – concluía Geley – é a aquisição da consciência, a passagem indefinida do inconsciente ao consciente; e é por meio dessa passagem que se desenvolvem todas as potencialidades imanentes, configurando a realização coletiva, na evolução, da soberana Inteligência, da soberana Justiça e do soberano Bem!" (1).

²⁹ "Na tradição filosófica, o idealismo se opõe fundamentalmente ao materialismo, na medida em que, para ele, o universo se reduz, seja a dois princípios heterogêneos, a matéria e o pensamento, seja a um único princípio, o pensamento. Neste caso, os objetos materiais são apenas representações de nosso espírito, ou seja, o ser das coisas nada mais é do que a idéia que o espírito delas possui. Opõe-se ainda, neste sentido, o empirismo e o realismo. Contemporaneamente, sob influência da crítica marxista, o termo "idealismo" designa uma concepção generosa ou ambiciosa, mas irrealizável ou utópica. Especialmente na moral, frequentemente significa uma ignorância das condições concretas do agir Humano" [Japiassú, H. e Marcondes, D. Dicionário Básico de Filosofia, p. 135].

³⁰ Eliade, M. Mito do Eterno Retorno, p. 7.

II - O MARXISMO COMO DIALÉTICA E COMO MATERIALISMO

Não nos teríamos aventurado a esta breve e imperfeita incursão nas teorias do Dr. Geley – cuja obra, para a melhor compreensão do que vos dissemos, recomendaríamos procurásseis conhecer em apoio de vossa erudição e conhecimento do Espiritismo em seu aspecto filosófico – senão como introdução necessária a nossa tentativa de demonstrar ser o Espiritismo a única doutrina, de quantas se rotulam de espiritualistas, capaz de fazer frente ao materialismo dialético, cujas conquistas no campo social, de irresistível poder persuasivo, avançam e se sobrepõem à civilização pseudocristã, mas que só o Espiritismo poderá completar validamente, deslocando-as na consecução de objetivos infinitamente mais amplos.

Ora, nos dias que correm, o materialismo dialético atinge suas culminâncias, e as atinge porque a experiência tem evidenciado que seu método de conhecimento se apresenta, ao menos até aqui, como o único que pode determinar uma transformação social que propicie a ereção de um novo tipo de sociedade, apto a realizar um maior índice de justiça social pela propriedade coletiva dos meios de produção. Todavia, segundo seus princípios [materialismo], o homem não é mais uma entidade que conduz a marcha dos fenômenos sociais: é uma simples máquina manobrada pelas forças exteriores. É a matéria que tem preeminência sobre o espírito [*a existência precede a essência*]. "A matéria – disse Lênin: "a natureza, o ser, o físico, é o primário; e o espírito, a consciência, a sensação, o psíquico, é o secundário". Toda a dialética materialista parte desse pretendido predomínio da matéria sobre o espírito, ficando este condicionado àquela.

Ao contrário, na dialética de Hegel, o grande filósofo idealista alemão dos princípios do século XIX, os fenômenos materiais outra coisa não são que objetivações da Idéia, e o mundo subjetivo se desenvolve por uma lei de contradições que se opera através de uma tese, de uma antítese e de uma síntese. Em princípio, a filosofia hegeliana corresponde ao mesmo processo da filosofia palingenésica do Espiritismo, conforme o próprio Geley admitiu expressamente. Com efeito, para Geley o Absoluto de Hegel chama-se dinamopsiquismo, o qual evolve do inconsciente ao consciente, de modo que o espírito absoluto do filósofo alemão e o dinamopsiquismo essencial do metapsiquista francês definem uma mesma entidade, e as três fases da dialética hegeliana (tese, antítese e síntese) correspondem, respectivamente, à trilogia espírita do nascer, morrer e renascer.

Sabe-se, por outro lado, que Karl Marx, seguido por Friedrich Engels, inverteu o sentido original da dialética hegeliana, crendo com isso demonstrar que o mundo material é que determina e condiciona a realidade espiritual. O Marxismo - ou antes, o materialismo dialético – comporta, pois, um duplo estudo:

- 1.) como dialética; e
- 2.) como materialismo.

Estudado como dialética, aproxima-se extraordinariamente do Espiritismo, em sua feição dialética proposta por Geley, que conserva daquela os quatro grandes princípios fundamentais:

- 1º.) tudo se relaciona, ou "lei da ação recíproca e da conexão universal";
- 2º.) tudo se transforma, ou "lei da transformação universal e do desenvolvimento incessante";

3º.) a mudança qualitativa; e

4º.) a luta dos contrários, como fundamento e móvel de toda evolução.

Todavia, estudado como materialismo, o Marxismo se distancia enormemente do Espiritismo dialético, por isso que vem definido por duas características que repugnam a este:

1ª) a materialidade do mundo;. e

2ª) a matéria é anterior a consciência.

Partindo daí, pretende o Marxismo formular uma concepção científica do mundo; mais ainda, a única científica, isto é, a única que está conforme ao que ensinam as ciências. E, por conforme ao que ensinam as ciências, apresenta-se como uma visão total do homem e do mundo. Mas essa visão do mundo e do homem, em que pese à pretensão dos teóricos do Marxismo, está muito longe de ser total, e nisso consiste sua maior falha; está longe de ser total porque desconhece, ou finge ignorar, os progressos da Parapsicologia e, ipso facto, a realidade metapsíquica do homem, que hoje não mais comporta dúvidas³¹. Efetivamente, ainda que os parapsicólogos modernos não reputeem suficientemente provada a sobrevivência individual, reconhecem que a mente transcende a matéria, ou seja, transcende as limitações do tempo e do espaço, o que vale por um desmentido cabal da clássica afirmação de Engels, um dos filósofos do materialismo dialético, de que "as formas essenciais de todo ser são o espaço e o tempo, e um ser fora do tempo é um absurdo tão grande quanto um ser fora do espaço". As mais recentes constatações da Para Psicologia rechaçam, portanto, a concepção mate realista do Universo e revalidam a posição do Espiritismo, que encontra naquelas sua sanção perante a ciência de nossos dias.

a) Os Dogmas do Materialismo Dialético³²

Um estudo despreziosos qual o a que vimos procedendo, não comporta uma refutação completa dos dogmas do materialismo dialético, que já se tornam insustentáveis em face do avanço da ciência metapsíquica; e dissemos dogmas propositadamente, embora isso muito escandalize os teóricos do Marxismo, porque afirmar, como questão de fé, a materialidade do mundo, quando a Parapsicologia faz essa afirmação resultar assaz discutível, é uma atitude tão dogmática quanto à do Espiritualismo religioso clássico, que parte de verdades reveladas e estabelecidas a priori, as quais os fatos deverão adaptar-se a posteriori. Vemo-nos assim forçado a fugir, pela exigüidade de tempo, a atraente tarefa de refutação dos dogmas do materialismo dialético, preferindo antes remeter-vos à leitura de duas obras que executam essa tarefa de maneira completa e brilhante: "Espiritismo Dialético", de Manuel S. Porteiro, e "Parapsicologia y Materialismo Histórico", de Humberto Mariotti, ambas publicadas por "Editorial Victor Hugo", de Buenos Aires (2).

³¹ Freud, S. Obras Completas, vol. XIV – O INCONSCIENTE (1915).

³² Este termo não foi cunhado por Marx ou Engels, mas proposto e explicado por Lênin: *como nada menos do que o método científico em sociologia, que consiste em considerar a sociologia como um organismo vivo em constante estado de desenvolvimento, cujo estudo requer uma análise objetiva das relações de produção, que constituem formação social dada, e uma investigação de suas leis de funcionamento e desenvolvimento* [Citado por Hinnells, J. R. Dicionário das Religiões, p. 165].

Digamos apenas que os teóricos do Marxismo erram ao basear seu sistema na descontinuidade biopsíquica, esquecidos de que a descontinuidade morfológica não importa necessariamente a descontinuidade da vida. Em todo ser vivente (e pelo simples fato de ser tal), há um elemento substancial psicodinâmico, que transcende a matéria e as limitações do espaço e do tempo, como o demonstram as pesquisas parapsicológicas; há um elemento substancial psicodinâmico, que permanece essencialmente idêntico a si mesmo, apesar de sofrer modificações e estar sujeito à lei de evolução e perfectibilidade. A evolução não tem o poder de mudar a essencialidade das coisas; supõe, ao contrário, uma causalidade essencial, sem a qual não se concebe nenhum desenvolvimento progressivo. O movimento e o tempo não podem criar, por si sós o que não existe: só evolui o que tem existência potencialmente ou em desenvolvimento. Não se passa do não-ser ao ser, nem da quantidade à qualidade, senão em virtude de uma existência e uma qualidade análogas anteriores, de uma causalidade substancial que as compreende, desenvolve e modifica. Não se pode conceber nenhuma transformação, nenhuma mudança morfológica fundamental, sem uma causa essencial persistente, sem continuidade biopsíquica, sem um elemento organizador e diretor da matéria, que leve em si mesmo, potencialmente, as possibilidades de suas futuras metamorfoses.

"Como – pergunta o Dr. Geley – o réptil, antepassado da ave, teria podido adaptar-se a um meio que não era o seu, nem poderia sê-lo senão depois da passagem da forma-réptil à forma-pássaro?" Sem dúvida, tal mudança fundamental de forma não pode efetuar-se em função da necessidade, porque o réptil não tinha necessidade de voar nem por acaso; porque o acaso não lograria operar o milagre de transformar um réptil em ave, nem muito menos porque a matéria tivesse desejos de criar asas e voar. Esse fato reclama uma causa essencial, um poder psicodinâmico que obre de acordo com um fim, uma continuidade biopsíquica que condicione o organismo, ainda que à força de tentativas e erros, a nova forma de vida. "A concepção da evolução tão – somente pela ação dos fatores externos, o testemunho do inseto – diz o Dr. Geley – opõe suas transformações, suas metamorfoses formidáveis e, por assim dizer, espontâneas, dentro de uma crisálida fechada, subtraída em grande parte à ação dos fatores exteriores. A concepção da evolução continua e ininterrupta por assimilação funcional, o testemunho do inseto opõe suas alterações progressivas e regressivas durante sua vida larval e opõe, sobretudo na crisálida, o incrível fenômeno da histólise, reduzindo a maior parte de seus órgãos a uma papa amorfa, antes das transformações iminentes". O resulta do desses fatos (e de muitos outros análogos) e que tais metamorfoses, necessárias à morfologia do inseto perfeito, reclamam um princípio diretor, inalterável e imanente, ou seja, a continuidade biopsíquica, através das formas e qualidades passageiras.

A causa essencial da evolução não está, pois, na influência do meio exterior, nem nas reações da matéria orgânica em presença dessa influência, mesmo que o meio atue como fator secundário ou com causa da transformação, mas num dinamismo psíquico biocêntrico, independente, superior e diretor da matéria orgânica – o princípio essencial da vida, que Leibniz entreviu na concepção da "mônada" e Claude Bernard configurou na "idéia diretiva": em última análise, o princípio anímico, o elemento Espírito, que evolui indefinidamente do inconsciente ao consciente.

A continuidade biopsíquica não implica a continuidade morfológica: as formas passam e desaparecem, mas a vida psíquica permanece essencialmente a

mesma; é ela que se aperfeiçoa e evoluciona, dando progresso e perfeição relativos às formas que cria e desenvolve, e, quando estas chegam ao máximo de seu desenvolvimento, desaparecem ou se fundem em outras sob a ação psicodinâmica do ser vivente, que as trabalha para a realização de um fim específico ou que transcende o limite da espécie. As espécies tanto quanto os indivíduos podem desaparecer e deixar nos fósseis os vestígios de sua existência, mas a vida psíquica que as animava persiste em outras espécies próximas, em outras individualidades, sem deixar de ser a mesma vida, o mesmo dinamopsiquismo, a mesma essência.

De maneira que, à semelhança do materialismo dialético, também o Espiritismo considera toda forma material em estado de movimento: na evolução, tudo é trânsito para lograr formas e qualidades novas, tudo está em perpétuo vir a ser, sem ser nunca coisa perfeita, definitivamente acabada. Todavia, ao contrário daquele, o Espiritismo dialético supõe o Universo material e todas as formas dos seres objetivos animados de um dinamismo biopsíquico que não se altera em sua essência. O que muda e se transforma continuamente são as formas e qualidades, não a essência íntima das coisas.

Como? – perguntara o materialista, para quem o espírito e seus atributos outra coisa não são além do resultado da fisiologia cerebral. Como? Pode existir alma, espírito, consciência etc., sem sujeito, isto é, sem cérebro? Os espíritas afirmam que sim, e os fatos nos dão razão. São numerosos, nos anais médicos, os casos de indivíduos que viveram e pensaram, por longo tempo, com o cérebro feito papa, seccionado no bulbo ou convertido em tumor ou água, fatos que desmentem a mitologia das localizações cerebrais absolutas. O cérebro, portanto, não cria coisa alguma; é mero instrumento de manifestação de um princípio que o dirige e ultrapassa. A matéria, em suas múltiplas e variadas formas vitais, não é criação, porém manifestação de vida. E a vida psíquica insufla todos os seres viventes e se manifesta de diversos modos e em diferentes graus de desenvolvimento. Nada é, pois, absolutamente descontínuo na evolução da vida em si: só a aparência das formas materiais transitórias pode sugerir tal descontinuidade. Ao contrário, tudo se encadeia e tende para a unidade, numa aspiração teleológica constantemente renovada pelo poder psicodinâmico do espírito, que evolui infinitamente.

b) A Economia como Fator Essencial do Determinismo Histórico

O materialismo dialético, negando a continuidade biopsíquica, nega conseqüentemente a finalidade da vida e incide no mesmo erro do existencialismo ateu: o homem resulta um ser criado para a morte e o nada, conseqüência lógica de suas premissas e que muito lhe amesquinha a pretendida visão total do homem e do mundo.

Mas onde essa visão se torna claramente insuficiente é quando se põe a examinar a história, cuja força motriz o Marxismo concentra exclusivamente no fator econômico. Para Marx e Engels, a história da humanidade é a história da luta de classes, a qual repousa na base econômica da sociedade e não na consciência dos indivíduos, como se, suprimindo-se a consciência dos indivíduos pudesse haver luta de classes. De acordo com esse conceito, a humanidade não se move essencialmente senão por necessidades materiais, dependendo destas as necessidades de ordem espiritual, e não persegue nenhuma finalidade: o fator essencial da evolução humana não radica no homem, em nenhum princípio de justiça inerente a sua natureza psíquica, não está na causalidade eficiente e teleológica (o espírito), que leva em si mesma o poder virtual de modificar sua existência e aperfeiçoá-la, condicionando os meios a seus fins, a suas necessidades materiais e espirituais, ou adaptando-se às condições naturais e do meio social já estabelecidas, com a tendência ou predisposição para melhorá-las. Na conceituação marxista, o fator essencial do determinismo histórico é a economia: o modo de produção

material de uma época determina o modo de pensar dessa mesma época. A economia é a infra-estrutura de toda sociedade: ciência, filosofia, religião, moral, ideologia são a superestrutura, o reflexo da economia, seus epifenômenos, seus derivados. Segundo esse determinismo materialista da história, o material condiciona e determina o espiritual, a sociedade determina e condiciona o indivíduo, e este não é mais do que um produto da sociedade, como o espírito é um mero produto da matéria.

O materialismo histórico se apresenta, assim, ainda que a isso reajam os teóricos do Marxismo, como um determinismo fatalista, cuja força motriz é o fator econômico: nele, o cego (a matéria) comanda o que vê (o espírito); o acaso supre a consciência e a inteligência, o poder psicodinâmico teleológico das forças revolucionárias individuais e coletivas. É determinismo fatalista porque os próprios teóricos do Marxismo o fazem ressaltar inconscientemente como tal, seja Lafargue quando diz que as forças econômicas da produção capitalista arrastam fatalmente a sociedade ao socialismo; seja Marx, quando sustenta que, no conflito dos interesses sociais, as vontades e os propósitos pessoais se entrecrocaram e se anulam, e o que resulta é aquilo que ninguém quis nem desejou; seja finalmente Engels, quando coloca a causa essencial e determinante do progresso "através" fora do homem, impulsionando-o ao acaso. Determinismo fatalista, sim, porque obedece à cega necessidade, a qual, por ser cega (como o acaso), é tão anticientífico quanto este e não sabe para onde vai nem porque vai; determinismo fatalista, em contraposição às aspirações teleológicas do Espiritualismo religioso clássico, que é também, por lógica, determinista e que – diga-se de passagem – embora irracional, tem ao menos a vantagem de saber aonde vai e o que quer.

III - O CONCEITO DINAMOGENÉTICO DA HISTORIA SEGUNDO O ESPIRITISMO DIALÉTICO

O Marxismo – ou antes, o materialismo histórico – queiram ou não seus teóricos, oferece-nos uma visão apenas parcial e insuficiente da história. Bem mais amplo é, entretanto, o conceito dinamogenético da história que nos propõe o Espiritismo dialético: tanto quanto no Universo, também na história tudo se move e se transforma em constante renovação, nada é permanente e igual a si mesmo em dois momentos históricos diversos, mas tudo vem a ser, mudando perpetuamente de lugar e de tempo, de quantidade e de qualidade; a história não se repete e não se detém, nem há nela dois fatos idênticos ou que possam ser transplantados a diferentes meios e épocas com idênticos resultados; tudo se modifica sem cessar, sob a ação da lei dos contrários (fundamento, móvel e razão de ser de toda evolução), pois que, sem a luta de dois princípios aparentemente antagônicos, mas que se complementam e se solidarizam na consecução de um único objetivo, não se pode conceber a evolução, senão a inércia, o eterno repouso. Tudo, pois, se renova continuamente, tanto nos indivíduos como nos povos, no material e no espiritual, elevando-se de umas formas a outras mais perfeitas, de um progresso a outro progresso maior, que resume os progressos anteriores, e de uma civilização a outra mais pujante, que representa a síntese de dois regimes antagônicos a se fundirem num terceiro, distinto de ambos e que marca um novo ciclo na história da humanidade.

Todavia, esse movimento progressivo incessante não se realiza mecanicamente, nem tão-só em função dos fatores materiais, que são causas concorrentes, mas não a causa essencial da evolução. O homem não é um veículo que a necessidade empurre por detrás e ao acaso, como pretendem os mestres do materialismo histórico, porém leva em si mesmo a força motriz e diretora de suas decisões, capaz de dominar as forças materiais da história, de reagir contra o meio, contra a estrutura econômico-social, e traçar novos rumos à sociedade.

De modo que, tanto quanto o materialismo histórico, o Espiritismo considera os fenômenos históricos em seu movimento causal, encadeando-se harmonicamente uns aos outros; contudo, por motivos de ordem científica e filosófica, evidenciados nos fenômenos biológicos e psíquicos, repele a causalidade cega a impulsionar a evolução ao acaso.

Se há progresso no desenvolvimento da humanidade, esse progresso deve obedecer necessariamente a uma lei – lei de ordem forçosamente intelectual – em virtude da qual os fenômenos históricos se encaminham a um fim cada vez mais elevado; e esse fim, indefinido reclama – também necessariamente – uma direção. Pois, se não existira progresso nem finalidade, nem conseqüentemente direção, o mecanicismo, o fatalismo histórico se imporia individualmente, e os teóricos do Marxismo não negam o progresso, antes o desejam e o apontam na construção do comunismo. Ora, porque o progresso é evidente, a sociedade não é um simples mecanismo, nem os homens são meras engrenagens que se movem, cegamente, ao impulso de forças exteriores. Ao contrário, a sociedade é também um dinamopsiquismo, que põe em movimento os elementos da vida material e ao qual cada indivíduo vem somar sua cota de esforço ao progresso adquirido, com a contribuição de sua vontade e sua inteligência, com suas idéias, seus sentimentos e ações.

Não há, é certo, na sociedade humana, uma finalidade de conjunto, nem poderá haver enquanto os interesses e as aspirações não sejam comuns. É que a direção da sociedade não depende da própria sociedade em seu todo, mas dos indivíduos e coletividades cujas ideologias revolucionárias marcham na vanguarda do progresso moral e social, terminando por impor-se á consciência dos povos. São as tendências particulares – individuais e, por afinidade, também coletivas – as que, triunfando das tendências gerais

e, por isso mesmo, conservadoras, traçam direção à sociedade; e quando essas tendências particulares se generalizam e vencem as contradições do processo social, tornando-se por sua vez conservadoras, outras tendências – interpretes de novas necessidades tanto materiais quanto espirituais e com uma visão mais avançada do progresso – nascem em seu seio e imprimem novo rumo à sociedade. E assim, de ciclo em ciclo, a humanidade se eleva de umas formas a outras cada vez mais perfeitas, de um progresso a outro maior, de uma civilização a outra civilização.

Na marcha da humanidade, desde seu alvorecer até o presente, houve relações, encadeamentos, influências e determinismo, porém não houve coordenação universal de propósitos para atingir um fim social comum, conscientemente deliberado pela totalidade de seus membros! Visão desse fim é individual – e, por afinidade ideológica, coletiva – e se deve aos indivíduos moral e intelectualmente mais capacitados, cujo poder de intuição fá-los superar os horizontes alcançados pela maioria. Portanto, se há um determinismo histórico – e os espíritas o reconhecemos desde Allan Kardec³³ – esse determinismo não vai a ponto de anular o livre arbítrio, nem sequer está absolutamente condicionado ao fator econômico, que é apenas um dos muitos fatores de natureza material e espiritual, que intervêm no processo da história (especial e essencialmente, o fator-homem, sem o qual não há economia social), cabendo aos indivíduos que persigam ideais de emancipação econômica e social, conseqüentemente, confiar mais em suas forças espirituais, em seu valor moral, em suas idéias, do que no cego determinismo econômico que, por isso mesmo que é cego, reclama direção e finalidade.

O Marxismo, encarando a história do ponto de vista objetivo e o Universo por via das ciências empíricas e experimentais, além de alhear-se às conclusões da Parapsicologia, que o sucedeu no desenvolvimento científico da humanidade, não descobre senão fatos, causas fenomenológicas e relações causais, mas a lei geral e complexa, a causalidade essencial do Universo e da história lhe escapa. O mundo fenomenal não se explica por si mesmo. Para ter conhecimento cabal das coisas em particular e do Universo em geral, há que remontar do fenômeno ao princípio substancial, do visível ao invisível, da forma à idéia, da matéria ao espírito, desentranhando a lei que rege e unifica o verdadeiro conceito gnosiológico tanto da história como do Universo. Quando considerem a história da humanidade como a continuidade de um processo biológico e histórico, evoluindo através de formas de vida e de sociedade enlaçadas em suas relações causais e transmudando em formas superiores e cada vez mais perfeitas, e ao mesmo tempo como um processo espiritual, através de sucessivas existências encarnadas nas formas biológicas, mas encadeada a causalidade espírita dessas existências no determinismo histórico; então os historiadores terão principiado a conhecer as verdadeiras raízes da história.

a) A Interpretação Homem-Sociedade

Se, para o materialismo econômico, as gerações que se sucedem no desenvolvimento histórico são estranhas e desvinculadas umas das outras, vindo do pó para ao pó retornar, já o Espiritismo afirma, com base nos fenômenos metapsíquicos, que o homem não é somente um produto fisiológico a desenvolver-se em determinado meio geográfico e social, limitada sua trajetória ao curto período que separa o berço da tumba, mas é, sobretudo um espírito imortal, que transcende os limites da existência terrena; preexiste ao nascimento do corpo e sobrevive a sua destruição. A evolução do espírito se

³³ Kardec, A. A Gênese, cap. XVIII.

processa infinitamente, em existências, através do tempo e do espaço, do que resulta que cada espírito humano, no conceito reencarnacionista, tenha seu determinismo próprio, sua causalidade psíquica e moral, seu próprio processo evolutivo; porém todos esses processos individuais se encadeiam uns aos outros e se renovam sem cessar, seguindo ao mesmo tempo o determinismo da história. Assim, nessa incessante renovação da humanidade e de seus valores morais e intelectuais, cada ser que volta ao mundo engrena sua própria causalidade no determinismo histórico; e do conjunto de todas as séries causais se forma um determinismo mais amplo, que solidariza o mundo espiritual com a humanidade corpórea em perpétua e reconfortante interpenetração. Matéria e espírito, sociedade, e indivíduo, meio e homem reagem reciprocamente um sobre o outro, complementando-se na consecução de um único objetivo: a evolução universal. Tanto o meio age sobre o indivíduo quanto este age sobre àquele: uma vez no plano terrestre, o espírito fica não apenas vinculado à matéria e sujeito a suas leis e necessidades, como ainda ao determinismo da história, dentro do qual deve evoluir e desenvolver o curso de sua existência; todavia, o determinismo histórico depende, por sua vez, da direção que lhe traçam as novas influências individuais, que serão tanto mais benéficas à humanidade quanto mais evolucionados intelectual e moralmente sejam os indivíduos e mais empreendedora a atividade que exercitem nessa direção.

Em síntese, o Espiritismo dialético conclui que, se a estrutura político-econômica da sociedade, o meio social, a educação etc. exercem poderosa influência sobre os seres que se engrenam no desenvolvimento histórico, com vistas a um fim inconscientemente previsto e desejado, mas só gradativamente cognoscível e realizável esses mesmos seres, por sua vez, com sua influência pessoal e também coletiva, transformam, constantemente ou de súbito, a estrutura político-econômica da sociedade, o meio e a educação, e dirigem o determinismo histórico a esse fim, sempre perfectível, por meios cada vez mais justos e elevados. E é assim que, conciliando o determinismo histórico com a Lei de Causalidade³⁴ espírita, o Espiritismo define sua ideologia própria, que se distancia a um só tempo do individualismo histórico de Emerson e do fatalismo histórico de Santo Agostinho, que não é nem o puro idealismo de Hegel, com o qual se identifica parcialmente, nem é o materialismo absoluto de Marx e Engels, cujas verdades parciais lhe aproveitam, mas configura a síntese maior do conhecimento humano, lançando nova luz sobre a grande questão do nosso século: o avanço irrefragável do socialismo, com uma escatologia fascinante e de forte apelo humanista, que ameaça derruir o imobilismo espiritualista.

³⁴ Kardec, A. – **O Que é o Espiritismo [FEB]**, c.1 p.90; c.2, n.1 p.151; c.3, n.134 p.203. – **O Evangelho Segundo o Espiritismo**; 5:4, 6 e 8:14 a 17 e 21. – **Gênese**; 2:1 a 7, 15:25. – **Revista Espírita de 1861**, setembro, p.286; outubro p. 327; - 1862 janeiro. p. 5; abr. p. 112; novembro. p. 323.

IV - A FALÊNCIA DO ESPIRITUALISMO RELIGIOSO CLÁSSICO

Por divorciada da realidade social de nossos dias, sente-se o esvaziamento progressivo e alarmante da fé religiosa, o que bem reflete a insuficiência dos credos tradicionais para responder às ânsias libertarias do homem hodierno. Por isso mesmo, teóricos religiosos das mais variadas confissões eclesiásticas combatem ferrenhamente o Marxismo, fazendo-o, todavia mais no interesse de um "partidismo de igreja", como diz o Dr. Humberto Mariotti, do que no interesse universal da humanidade. Os credos da atualidade, misonéias quando não retrógrados, lutam pela manutenção do "status quo" e na defesa de seus privilégios milenares, mas estão inabilitados a enfrentar o Marxismo numa discussão filosófico-científica porquanto se baseiam em verdades reveladas, impostas pela fé cega e que não admitem qualquer discussão. Atacar sistemas partidariamente, fugindo à discussão e apenas por temer a morte numa tentativa desenfreada de sobrevivência às realidades novas, é atitude irracional e anticientífico.

Ora, o espiritualismo religioso clássico sustenta a existência do espírito, mas não aprova nem a pode provar, a menos que se disponha a aceitar a ciência espírita como base de suas afirmações, coisa que dificilmente fará, por intransigente na salvaguarda de seus dogmas; mas, se a existência do espírito é uma irreabilidade, todo o sistema religioso dominante resulta comprometido e carunchado, garantindo a vitória do materialismo e, conseqüentemente, do Marxismo. Enquanto isso, a ideologia marxista se fundamenta na ciência experimental, de que faz derivar suas conclusões materialistas, referentes à origem da vida, e unicamente uma contraprova científica poderia obrigá-la a mudar de orientação. Sim, porque, se o Marxismo repele a espiritualidade do mundo e da história, não o faz por ódio a essa idéia, mas simplesmente porque nem a Igreja nem o idealismo lhe fornecem a prova experimental da realidade espiritual do homem e também, forçoso a reconhecer, porque identificou, com boa dose de razão, a ideologia espiritualista à submissão econômica e social do homem aos regimes reacionários e conservadores, dos quais ela tem sido o sustentáculo, mantendo a consciência social imersa na ignorância e na superstição, no fanatismo, e jamais favorecendo a liberdade e o direito das classes desprotegidas.

Em verdade, se o Espiritismo é capaz de forjar um realismo espiritual que suplante o realismo marxista, opondo fatos a fatos e demonstrando, através dos fatos, que o metafísico existe e é uma realidade. E, quando a pugna se resume a uma luta entre o espírito e a matéria, o Espiritismo não pode nem deve calar-se cabe-lhe intervir na discussão e provar a insuficiência do Marxismo como visão total do homem e do mundo.

a) A Razão de Ser do Homem de Marx

Entretanto, lembra com propriedade o Dr. Humberto Mariotti, o homem de Marx, embora concebido como um mero composto físico-químico, como um organismo material governado e conduzido pelos modos de produção, revela-se já melhor do que o "homem velho", dependente da exploração capitalista e forçado a vender sua força de trabalho como mercadoria. O homem de Marx, teoricamente, é um ser liberado da exploração econômica, mas cumpre se lhe aditem as virtudes de que ainda carece: é um homem insuficiente, porque sem perspectivas metafísicas e amesquinhado em suas dimensões espirituais, incapaz de satisfazer o anelo de imortalidade que o espírito humano alimenta em suas entranhas. Marx exigiu mais desse homem do que lhe podia ofertar: esqueceu

que um homem chamado a promover a transformação do velho mundo e convulsionar a sociedade decadente, a construir o mundo do futuro, não devia morrer. O homem de Marx, que termina na morte e no nada depois de se haver sacrificado pela ereção de uma civilização mais humana e mais justa, não tem quaisquer vinculações palingenésicas com o processo histórico: nasce e morre desconhecendo o sentido da luta e a finalidade de sua existência. O desejo de emancipar o homem da escravidão econômica, a fim de alçá-lo à condição de cidadão livre e enobrecido pela nova ética do trabalho, levou Marx a bosquejar um homem sem implicações com o espiritual e o eterno. Credo que o espírito representava um entrave para o advento de uma sociedade sem classes, porque tanto o filósofo idealista quanto o religioso sufocavam as reivindicações dos oprimidos ao falar-lhes de uma hipotética felicidade ultraterrena, com o que legitimavam a indiferença e o egoísmo dos opressores, o autor de "O Capital" preferiu matar o homem espiritual e suas poéticas esperanças de recompensa no mais-além, atendo-se tão-somente à realidade das coisas objetivas, e concebeu um homem material, cujo destino não ultrapassa sua morte física. Marx acreditava que a verdade jamais submete o homem, antes o eleva e melhora suas condições de vida social, e sentiu que o tipo de verdade espiritual que pregavam os teóricos do Cristianismo, pelo menos até meados do século XIX, era o que convinha à exaltação dos potentados sobre as agruras dos humildes. Rechaçou, portanto, essa verdade espiritual sancionada pela estrutura social vigente e chegou à conclusão de que a única realidade se encontra no mundo físico e na vida material do homem, sustentando que a ciência e a verdade libertam o indivíduo e que toda idéia religiosa, tendente a sujeitá-lo com vãs promessas pós-mortais, é uma falsa verdade, ou um argumento das forças reacionárias para deter o advento da justiça social e da democracia. Todavia, se o homem de Marx – assim justificado – é um erro em seu aspecto espiritual, é não obstante uma verdade em sua face social: o gênio de Marx demonstrou à inteligência humana que o socialismo, ou o regime da propriedade coletiva dos meios de produção, é o que melhor atende aos anseios de liberdade e justiça da nova humanidade.

"O sofrimento religioso é, ao mesmo tempo, expressão de um sofrimento real e protesto contra um sofrimento real. Suspiro da criatura oprimida, coração de um mundo sem coração, espírito de uma situação sem espírito: a religião é o ópio do povo" (Marx).

V - A CONCILIAÇÃO DO SOCIALISMO COM A REALIDADE ESPIRITUAL

a) Materialismo e Socialismo

Karl Marx, ao erigir o socialismo que ele classificou de científico em contraposição ao Socialismo Utópico³⁵ de seus precursores, julgou ser irreconciliável o socialismo com a realidade espiritual do homem; contudo, ao contrário do que ele supôs, o materialismo não é de modo algum essencial nem ao socialismo e nem à ciência, e é mesmo uma lástima que a palavra socialismo esteja hoje-comprometida com a ideologia marxista como um todo, pois que a comunidade de bens, ou propriedade coletiva, antes que ao Marxismo pertence, como sistema social, ao primitivo Cristianismo. Marx e Engels criaram o socialismo científico sobre os alicerces da ciência de sua época; por isso, suas teorias assumiram uma forma necessariamente materialista. Aplicando-se unicamente à consideração de mundo material, que é apenas um dos aspectos da realidade, a ciência do século XIX foi materialista e, além de materialista, foi também dogmática, como dogmático é o Marxismo. Hoje, porém, a ciência enfrenta problemas e enigmas antes insuspeitados e que a forçam a abandonar sua crença acentuadamente materialista: a técnica moderna pôs o homem em contato com aspectos novos da realidade e, em face da Física quântica e da teoria da relatividade, até o conceito clássico de matéria perde seu sentido e sua razão de ser; a Medicina é agora psicossomática; tanto a Biologia quanto a Psicologia tiveram de defrontar-se com a realidade da psique, que se expressa além da conduta e dos processos fisiológicos; e a Parapsicologia, provando que a mente transcende a matéria é independente de suas leis, está a um passo de admitir, por decorrência lógica de suas premissas, a sobrevivência do psíquico ao material. Despojada assim do dogma do materialismo absoluto, a ciência moderna deslegitima o Marxismo como base única e indiscutível para o socialismo.

Falar hoje em socialismo é correr o risco de ser apressadamente rotulado de comunista e ateu; mas lentamente se esboça a possibilidade de conceber-se uma solução socialista diversa da proposta por Karl Marx. Albert Einstein, que nunca deixou de ser profundamente deísta e espiritualista, admitiu expressamente essa possibilidade e reconheceu como inevitável à marcha da humanidade para o socialismo, em sua busca incansável de justiça e equidade para todos (3). De Einstein para nossos dias, o que se tem observado é a adesão entusiástica das elites intelectuais de todo o mundo aos fins preconizados pelo socialismo, e já deixa de ser temeridade que nos afirmemos também socialista. Somos, sim, socialista, como socialistas têm sido Leão Tolstói, Madame Curie, Gabriela Mistral, Albert Einstein e Helen Keller; somos, sim, socialista, mas estamos procurando conceituar o socialismo sobre bases nitidamente espíritas, seguindo as pegadas pioneiras de Porteiro e Mariotti.

Socialismo

Doutrina que prega a primazia dos interesses da sociedade sobre os dos indivíduos, e defende a substituição da livre-iniciativa pela ação coordenada da coletividade, na produção de bens e na repartição da renda.

³⁵ Baseia-se em programas idealistas de reforma da sociedade (como os propostos no início do séc. XIX por Hegel, Owen, Saint-Simon e Fourier), e não na análise da realidade econômica.

b) Socialismo e Espiritismo

Ora, se a própria Igreja tem agora sua doutrina social, fundamentada em dois de seus maiores papas – Leão XIII e João XXIII, homens de apreciável visão e invejável equilíbrio – por que não a teria o Espiritismo? Se Frei Carlos Josaphat, a semelhança de um Abbé Pierre e de um Padre Lebret, não se acovardam ante a questão social e a encara objetivamente em seu livro "Evangelho e Revolução Social", encarnando o próprio ideal da revolução no seio do povo brasileiro, não vos parece estranho que os espíritas nos omitamos e permaneçamos alheios a ela? Não sentis que o Espiritismo, longe de ser o "ópio do povo", deve assumir a defesa e a vanguarda dos ideais de justiça e renovação? Não percebestes que o Espiritismo, dialeticamente considerado, não apenas supera o Marxismo, senão ainda se insinua como a base natural de um socialismo mais autêntico? Que só o Espiritismo nos dá uma visão total do homem e do mundo? Que, se o homem de Marx é uma verdade parcial, o homem de Kardec pode ser uma realidade integral, afirmando-se progressivamente em sua face espiritual e em seu aspecto social? Que o homem de Marx tem uma só perna e o de Kardec é bípede e completo?

Não vos parece que, aferrando-nos os espíritas a manutenção do "status quo" e de todo um sistema político-econômico condenado à extinção por suas próprias contradições internas e pela injustiça que o caracteriza, estaremos também condenando o Espiritismo a morrer em meio à derrocada do carunchoso arcabouço da civilização do dinheiro, da concorrência iníqua, da desigualdade econômica, da corrupção e do espírito possessivo? Não vos escandaliza constatar que o materialismo encampa os reclamos dos pobres e deserdados, prometendo-lhes a paz e a justiça, enquanto os espíritas nos opomos ao progresso social, à marcha natural da história e tememos denunciar os males de um regime inteiramente assentado na exacerbação do egoísmo? Não é paradoxal que os espíritas – que pregamos a evolução como medida comum dos indivíduos e dos povos, dos mundos e das constelações – nos apeguemos à nau que já quase aderna, sob o pretexto de que tudo está bem e deve permanecer como está, porque tal é à vontade de Deus, esquecidos de que Deus nos criou para o perpétuo evoluir e chamou-nos a compartilhar a construção geral do progresso? Não é paradoxal nossa reação à força evolutiva da história?

Lembremo-nos de que o Espiritismo não é mais um subproduto da sociedade materialista e burguesa, nem se concebe que lhe assumamos a defesa; é antes a condenação cabal do materialismo burguês e religioso, que corrompe e avilta, amesquinha e insensibiliza o homem, tornando-o mais egoísta e mais voraz na ânsia da posse e na ambição sem limites.

Debalde se objetará que a desigualdade social e econômica é inarredável porque a lei de causalidade espírita prescreva que haja para sempre ricos e pobres, pois se assim fora, teríamos de sustentar que também haverá para sempre bons e maus na humanidade, conclusão que repugna ao evolucionismo espírita; tanto mais que a história nos ensina que as classes favorecidas foram sempre minoria perante as multidões esfaimadas e oprimidas, sendo de perguntar onde haveria tanto espírito de mau rico para animar tanto corpo desnutrido e pobretão. A reencarnação ou lei palingenésica não justificará jamais, por si só, os desníveis sociais porquanto a lei de causalidade espírita não determina as formas de sociedade; ao destino individual falta força histórica para estabelecer um regime social baseado no sistema de propriedade privada. As condições sociais e econômicas são meramente circunstanciais para o espírito e de modo algum indispensáveis a sua evolução moral, num grau superior dessa mesma evolução. A lei de renascimentos origina destinos individuais, mas não pode, sozinha, engendrar regimes sócios-políticos; tivesse ela esse poder, seríamos forçados a aceitar a perpetuidade do

sistema capitalista de vida, o que desfaz toda possibilidade de progresso e encarcera a humanidade toda num círculo vicioso, em que o plebeu de ontem e o nobre de anteontem e o proletário de hoje é o capitalista de ontem, e assim indefinidamente.

Nem é válido objetar que o Espiritismo não pode ocupar-se de assuntos político-sociais por não ser deste mundo o Reino do Cristo. Demonstraria fraco entendimento da filosofia cristã quem nela pretendesse ver um instrumento de acomodação e conformismo, quando – configurando um caminho para a paz e a construção do Reino de Deus entre os homens – é ela, acima de tudo, um brado de libertação e de luta, pois que não haverá paz enquanto houver injustiça. A interpretação individualista do Evangelho é atitude que agrada e convém aos credos tradicionalistas, porém não ao Espiritismo, que lhe ressalta a dimensão social, afirmando que o Evangelho deve ser o patrimônio comum do povo. E, depois, ai de nós – espíritas – se não nos decidirmos por fundamentar uma sociologia de inspiração espírita sobre os fenômenos da coletividade! Seremos então relegados à margem do progresso social, como uma esdrúxula religião de alienados e fanáticos, sem conteúdo filosófico nem estruturação científica.

O Espiritismo tem de ser também sociológico, sob pena de desfigurar-se e fugir ao próprio pensamento kardecista, que lhe constitui o núcleo (4). Se fordes ao capítulo final de "A Gênese" ("São Chegados os Tempos"), lá encontrareis dezenas de afirmações que bem assinalam o papel reservado ao Espiritismo na construção de uma nova humanidade. Seria bom e proveitoso que os espíritas nos compenetrássemos da grandeza desse papel, principiando por aceitar o socialismo como uma aspiração ética, científica e filosófica, enraizada na consciência das almas evolvidas que clamam por justiça e fraternidade, e não como um fenômeno exclusivamente político, se bem que seu advento pela ação meramente política e social, liberando o homem da moral capitalista, resulte uma etapa inútil para o progresso do gênero humano, porquanto a revolução social do socialismo deverá ser complementada pela revolução espiritual e definitiva do Espiritismo. É o socialismo, enfim espiritualizado pelo ideal espírita, será a grande força histórica que nos há de levar à realização individual e coletiva dos postulados cristãos.

O Cristianismo, como Frei Carlos Josaphat admite e propaga, é a negação peremptória do sistema capitalista; e não só deparareis, no Evangelho, numerosos versículos que legitimam o regime de propriedade coletiva, como ainda ficareis sabedores, nos Atos dos Apóstolos, de que os primitivos cristãos viviam em comunidade de bens.

Também não podereis alegar que a Doutrina dos Espíritos repele o instituto da propriedade coletiva dos meios de produção, pois, se é certo que Allan Kardec, em comentário à pergunta nº. 882 de "O Livro dos Espíritos" assevera que a propriedade é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver, tem o cuidado de esclarecer que se trata da propriedade que resulta do trabalho, e os Espíritos, em resposta à questão nº. 884, que deve ser cotejada com a de nº. 808, definem que: *propriedade legitima só é a que foi adquirido sem prejuízo de outrem*, o que dificilmente acontece num regime em que os meios de produção são suscetíveis de apropriação particular. E ainda mais enfática é a resposta dos Espíritos a pergunta nº 885:

“É fora de dúvida que tudo o que legitimamente se adquire constitui uma propriedade. Mas, como havemos dito, a legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais, que a lei de justiça reprovava. Essa a razão por que eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito afigura-se bárbaro no século seguinte”.

Da mesma forma, é infundada a alegação de que a igualdade entre os homens é impossível e que, por isso, o socialismo é impraticável. Desconhece absolutamente o socialismo quem o suponha igualitarista: o socialismo não apenas reconhece a desigualdade, como ainda não pretende eliminar ou ignorar as disparidades que são da natureza humana, ou – diríamos nós que são inerentes ao grau evolutivo e à necessidade de prova de cada um; a desigualdade que ele se propõe corrigir é aquela criada pelo regime social, sobreposta e acrescentada à desigualdade natural e biológica, quando não psíquica e espiritual.

Como ultimo argumento, recorreremos á autoridade do próprio Cristo, servindo-nos da narrativa do próprio Evangelho:

"Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me. Mas o jovem, ouvindo essa palavra, retirou-se triste; porque possuía muitos bens".

Mateus; 19:21 e 22.

“Respondia-lhes [João, O Batista] então: Aquele que tem duas túnicas reparta com o que não tem nenhuma, e aquele que tem alimentos, faça o mesmo. Chegaram também uns publicanos para serem batizados, e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos nós de fazer? Respondeu-lhes ele: Não cobreis além daquilo que vos foi prescrito. Interrogaram-no também uns soldados: E nós, que faremos? Disse-lhes: A ninguém queirais extorquir coisa alguma; nem deis denúncia falsa; e contentai-vos com o vosso soldo”.

(Lucas; 3:11a 14)

VI - PELA VIVÊNCIA SOCIAL DA DOCTRINA ESPÍRITA

Com tudo o que dissemos, pudemos ofertar-vos farto material para estudo e cremos haver estimulado vossa ânsia de saber. Meditai no que ouvistes e não vos furteis ao dever da pesquisa. Lede, estai informados: não vos acomodeis nem receeis conhecer e cotejar as diversas soluções sociais que se desenham no mundo, erigindo novas sociedades na Ásia, na África e na América Latina. Encarai as conquistas do materialismo histórico no campo social como realidade que se não mais pode negar: dispodes de imensa bibliografia, apta a vos esclarecer o que verdadeiramente acontece nos atuais países socialistas. Não temais constatar até que ponto aquelas comunidades hão resolvido a problemática social e onde terão falhado: a negação a priori é atitude adversa ao estudioso espírita, que tem de ser livre para estudar, discutir e comparar, ou não saberá julgar com precisão e honestidade.

Entretanto, convém submetais ao crivo da razão as coordenadas que vos trouxemos; não vos disponhais a acatá-las sem antes bem ponderar nossos argumentos. Nossa doutrina desconhece chefes espirituais, e não serieis espíritas se nos tomásseis à conta de condutor. Não queremos conduzir nem comandar; ao contrário, muito nos doeria saber-vos a apoiar nossas idéias pelo simples fato de provirem de um suposto líder, pois que, tanto quanto vós, apenas buscamos aprender e corrigir-nos, conhecer e aprimorar-nos. Conclamamos, isto sim, a que estudeis conosco e juntos construamos a doutrina social dos espíritas: o "Socialismo com Jesus", segundo a feliz expressão de Emmanuel na obra que leva seu nome; enfim, o socialismo cristão, que há de florescer no Brasil. E isso acontecerá, não porque o Brasil seja efetivamente "Coração do Mundo e Pátria do Evangelho", na poética imagem de Humberto de Campos; é a própria observação da marcha dos acontecimentos que nos induz a intuí-lo. Ora, se em nenhuma outra nação o Espiritismo fez tão grande número de adeptos e em parte alguma os espíritas realizamos tanto quanto aqui, por que não imprimiríamos ao rumo da história, a partir do Brasil, um cunho novo e autenticamente espírita? Nossa opinião maciça e nossa constante identificação com o bem não pesarão porventura sobre a direção dos fatos? Se tal não se der, é porque não teremos sido fiéis depositários da Terceira Revelação, ou não a te remos sabido mobilizar a serviço de nossa reforma interior e da renovação do meio em que vivemos.

Lede "A Nova Geração" de Kardec, em "A Gênese", e compreenderéis que não vos pregamos diatribes, fantasias ou imposturas. A renovação social iminente, e nós somos ou podemos ser co-instrumentos dessa renovação; nós somos ou devêramos ser a nova geração.

Como, porém, intentar uma transformação eficaz no campo fecundo das reações humanas, se ainda não aprendemos a renovar-nos a nós próprios ou a renovar o meio espírita que tibiamente integramos? Como construir a paz e a fraternidade no mundo, ou o Reino de Deus entre os homens, se ainda não conseguimos entender-nos dentro de nossas fronteiras ideológicas? Como pretender a semente da união e da concórdia universais, se a cizânia e a discórdia minam nossa fortaleza e nos fazem desconfiar uns dos outros? Há mister atendamos, primeiro que tudo, ao imperativo da união. Por que não procuramos estimular os laços que nos unem e destruir os motivos que nos separam? Por que não nos unimos num objetivo único, já que temos aderido á mesma filosofia de vida?

Quando lançamos nosso controvertido artigo "Palavra aos Jovens Espíritas do Brasil" pelas colunas de "Mundo Espírita", não aspirávamos à outra coisa que não unir: não fomos lá muito feliz em nosso intento e demos origem a um escândalo ainda maior.

Choveram pedras e apupos sobre nós, mas também é certo que muitos foram capazes de perceber a sinceridade de nossa exortação. De qualquer modo, penitenciamos-nos do mal que tenhamos causado, porém reafirmamos que nosso propósito maior é a união dos espíritas: união real, fraterna, objetiva e eficiente. E nosso apelo se dirige principalmente aos jovens, não porque pretendamos um movimento de separação ou rebeldia contra os menos jovens, de cuja experiência não podemos nem devemos prescindir, senão porque nossos maiores, aureolados pelo cumprimento do dever, já se avizinham do termo da jornada e são os jovens que dentro em breve, assumirão a responsabilidade de nortear os destinos da Doutrina Espírita neste país. Para nós, jovens, as desinteligências e os dissídios, as divergências doutrinárias e os velhos antagonismos, que por mais de uma vez têm abalado nossa cidadela e comprometido nossa unidade, não nos dizem coisa alguma: não lhes demos causa nem queremos herdá-los, senão superar todas as antigas divergências, a ver se não repetimos o mesmo erro de quem nos precedeu.

Unamo-nos, pois, estudando juntos e conservando o Espiritismo sempre uno e harmônico, sem lhe diminuir qualquer dos aspectos. Mantenhamo-lo indene de superstições e do fanatismo, do misticismo e da fantasia, por via do estudo metódico e progressivo, mas também a pretexto de preservá-lo contra as deturpações que a ignorância lhe aporta a todo instante, não nos cristalizemos na imanência, na intransigência e no misoneísmo, nem muito menos convertamos nossa doutrina numa torre de Babel, sustentando pontos de vista meramente pessoais ou negando-nos a uma coordenação de propósitos. Sufoquemos o personalismo, que nos divide e incompatibiliza; exaltemos a solidariedade, que nos aproxima e reconforta (5).

Somos todos moços. Mas que ninguém despreze nossa mocidade: queremos servir a Deus, ao homem, à vida e à sociedade. Sirvamos, portanto, que nosso estandarte foi desfraldado há mais de um século e outro não há que o substitua: "Fora da caridade não há salvação". Sirvamos e trabalhemos, imprimindo à caridade espírita seu sentido real, o do amor posto a serviço do bem comum, e roubando-lhe o caráter aviltante de institucionalização da esmola: promovamos a caridade-trabalho, a caridade-escola, a caridade-soerguimento, à caridade-respeito, à caridade-compreensão, à caridade-perdão, à caridade-amor (6). Aprendamos a descer ao charco para elevar à planície os que – vítimas da opressão, do egoísmo coletivo e da injustiça social – chafurdam na ignorância, relegados a margem da faina competitiva em que nos consumimos, desumanizados e indiferentes à fome e à miséria que nos circundam a privilegiada existência; atendamos aos analfabetos, aos famintos, aos míseros, aos nus, aos párias e aos deserdados, respirando-lhes o convívio nos próprios redutos do infortúnio, amando-os intensamente e alevantando-os à dignidade da condição humana, enquanto justificamos, no amor, nossa própria condição de homens.

Eduquemos. Construamos. Antecipemos o amanhã, como vanguardeiros de uma nova civilização, mais justa e mais equânime. Nossas armas nessa batalha gigantesca, que não é de destruição dos fundamentos, senão de revitalização das bases genuinamente humanas da sociedade terrestre, serão o esclarecimento, a renúncia e, sobretudo o exemplo (7). Pela força do exemplo, Buda, Tolstói e Gandhi assinalaram a história e revolucionaram o mundo. E o maior exemplo foi e será, sempre o de Jesus, que desceu ao povo para fazê-lo ascender. Desçamos então às massas, elevando-as pelo poder do amor, em vez de nos elevarmos delas pelo poder da ambição. Exemplifiquemos: multipliquemos os exemplos de renúncia, de abnegação e desprendimento!

A Comunhão Espírita Cristã de Curitiba, que fundamos e dirigimos em nossa cidade, pretende ser um desses exemplos. Ao contrário do que insinuam nossos detratores, não é um agrupamento de rebeldes ou um foco de subversão, nem tampouco

um quisto religioso ou um movimento separatista a ameaçar a ortodoxia espiritista: é um centro espírita como outro qualquer, mas em que a mera rotulagem cedeu lugar à vivência e em que as palavras se fizeram atos, corporificadas em tarefas eficazes de educação, de trabalho, de promoção humana, de recuperação, de serviço social e amor cristão; e uma sociedade de jovens espíritas, conscientes de sua missão de construtores do futuro; é uma célula dinâmica de Espiritismo social a serviço do povo.

Quanto fizemos lá, dinamizemos todos os nossos núcleos de trabalho e nos estreitemos às mãos: sejamos um só coração, uma só alma, uma só pensamento, para servir, amar e construir.

Que então Deus nos abençoe. E, em Ele nos abençoando, dir-lhe-emos assim:

*Senhor Deus, pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos,
Fortaleza dos vencidos,
Consolo de toda dor:
Embora a miséria amarga
Dos prantos de nosso erro,
Deste mundo de desterro
Clamamos por vosso amor.*

*Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
É o bem que não secará...
Sois, em tudo, a luz eterna;
Da alegria e da bonança,
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará.*

*Quando tudo nos despreza
No mundo da iniquidade,
Quando vem a tempestade
Sobre as flores da ilusão,
Oh, Pai! Sois a luz divina,
O cântico da certeza,
Vencendo toda aspereza,
Vencendo toda aflição.*

*No dia de nossa morte,
No abandono ou no tormento,
Trazei-nos o esquecimento
Da sombra, da dor, do mal...
Que nos últimos instantes
Sintamos a luz da vida,
Renovada e redimida,
Na paz ditosa e imortal!*

Contribuição

Capitalismo, O Sepulcro Caiado

Seleção e comentários de textos de Gilles Perrault, Maurice Cury e Philippe Paraire extraídos de "**O Livro Negro do Capitalismo**", Ed. Record; de Leonardo Boff, extraídos de seu livro "**Fundamentalismo: A Globalização e o Futuro da Humanidade**", Ed. Sextante, e de Rose Marie Muraro, em seu livro "**Textos da Fogueira**", Ed. Letraviva

Assim falam ardorosa e ferozmente, constantemente em uma ladainha obsessiva, alguns economistas, políticos e jornalistas conhecidos nas mídias eletrônicas e impressas (estas quase sempre pertencentes a grandes grupos industriais com relações estreitas com grupos internacionais, poderosos e influentes, cujos investimentos vão além dos objetos mais conhecidos da área a que seriam ligados):

O mundo capitalista é o mundo do livre mercado; nada melhor para garantir o progresso da civilização que a benéfica concorrência das empresas em um mundo "*livre*". Todos têm a oportunidade de abrir o seu negócio e vai depender apenas da competência pessoal fazê-lo frutificar. Para usar um termo mais abrangente, o capitalismo é na verdade um *liberalismo*: as oportunidades para o plantio e colheita de bons negócios estão a "*todos*" abertas. Vencida a "sórdida" ameaça marxista e comunista - que tão bem provou que não funciona, tendo sido minada por sua própria podridão -, devemos aceitar o fato de que o capitalismo é o único e mais "*natural*" modelo de sociedade. Se ainda não é o ideal, caminha para sê-lo, e os "pequenos" problemas sociais decorrentes da má distribuição de renda serão, um dia, solucionados.

Este é o mote dos atualmente chamados liberais e neoliberais, difundido aos quatro ventos pela mídia comercial. O pensamento contrário seja em âmbito pessoal, ou político, não é proibido (afinal, dirão eles, estamos num mundo "*livre*"), mas acaba por ser trabalho pela mecânica da situação dominante, maquiado e dado ao público de uma forma caricata que acaba por levar as vozes mais sérias da esquerda a um isolamento público ou à quase clandestinidade. Ainda assim, falam os ilustres membros neoliberais que vivemos em uma era de liberdade de expressão...

Estas formulações dominantes sobre a economia global - que igualmente pretendem descrever a única realidade possível - são elaboradas e distribuídas de cima para baixo, vale esclarecer, dos países hegemônicos do Norte, em especial Estados Unidos e Inglaterra, justificando a situação do mundo, onde 23 % da população do planeta (em uma junção da população dos 9 países mais ricos do Planeta) consomem cerca de 67% das riquezas produzidas pelo planeta, globalmente, em um ano, e ampliam as distâncias entre países ricos e pobres a uma taxa horrendamente acelerada. As explicações formuladas claramente são construídas no sentido de manter e justificar o processo, que são de seus interesses, desprezando, negligenciando ou zombando de leituras divergentes das mesmas, feitas, sobretudo por vozes não concordantes com o processo de globalização no primeiro mundo, e por muitas outras dos países do Sul e dos do Norte não participantes da ciranda de exploração e expropriação levado a cabo por seu vizinhos mais ricos.

O grande teólogo brasileiro Leonardo Boff, ao analisar a explosão de violência terrorista no mundo, e sua ligação com o processo de globalização, esclarece brilhantemente esta questão:

Cabe enfatizar o papel deslanchador de fundamentalismo que o tipo de globalização econômico-financeira imperante está produzindo em todo o mundo. Esse processo é ilusoriamente feito em relações de interdependências, mas, na realidade, de dependências dos grandes conglomerados globais e dos capitais especulativos que dominam as economias periféricas, desestabilizando-as segundo seus interesses particulares, sem qualquer preocupação pelo bem-estar dos povos e a sustentabilidade do planeta, e criando milhões e milhões de excluídos.

*A nova ordem surgida após a implosão do mundo do chamado mundo socialista não melhorou, como prometia os arautos do mundo capitalista, a situação do mundo. Ao contrário, radicalizou as contradições internacionais e internas. Ademais, o fosso entre riqueza material e pobreza material aumentou. O estado da Terra, em conseqüência da ganância e busca desmedida de lucro, é dramático. As promessas de Paz duradouras (em um sistema em que a indústria bélica é extremamente lucrativa) esvaneceram-se logo. A lógica individualista e não-cooperativa da cultura do capital corrói os laços humanistas de solidariedade entre os povos, imersos na competitividade mercantilista, exacerbou de forma extrema o individualismo, tentou destruir o Estado, visto como obstáculo à expansão dos capitais pondo em seu lugar os interesses de grandes multinacionais, e tenta desmoralizar a política como busca comum do bem do povo, transformando-a em busca do bom funcionamento da expansão de um único mercado mundial, com um único pensamento econômico, ou seja, da globalização" (Leonardo Boff, **Fundamentalismo, A globalização e o Futuro da Humanidade**, Ed. Sextante, 2002, pp. 33-34).*

O funcionamento do capitalismo em seus mais de trezentos anos de história modelou uma mentalidade mercantilista que há muito extrapolou a área comercial. O pensador francês Albert Jaquard já dizia com muita propriedade que o processo de busca do lucro pelo lucro em um mercado competitivo atingiu todos os setores de vivência humana em tal estágio de exagero, que as pessoas (igualmente transformadas em mercadorias e máquinas de competir) simplesmente estão brincando de roleta russa: *"Os fundamentos de uma sociedade está nas relações e intercâmbios entre pessoas. Só existe sociedade se existe relação entre pessoas. Uma sociedade cujo motor é a competição e a esnobação como sinônimo de poder é uma sociedade que se propõe o suicídio. Se me ponho a competir com outros, não existe mais intercâmbio, mas apenas estratégias que permitem algum contato tendo por base o interesse. Não posso compartilhar, dividir, somar com ele, mas devo desconfiar de meu concorrente, sondá-lo, retirar dele o que me for útil, eliminá-lo e destruí-lo"*.

Leonardo Boff, em seu livro citado, mais uma vez focaliza com muita propriedade o clima doentio da competitividade do capitalismo ao dizer que

*(...) a lógica intrínseca desse sistema não é a colaboração, mas a competição, como a firma George Soros, um dos mais ricos especuladores financeiros do mundo e um dos grandes pensadores do capitalismo do mundo atual, em seu livro *A Crise do Capitalismo: se você quer buscar compaixão, compreensão, solidariedade, amizade e amor, não vá ao mercado, porque errou de endereço. No mercado é guerra de todos contra todos, um querendo derrubar o outro pela competição. A crise do capitalismo é uma crise do humano e decorre de tudo ter sido transformado em mercadoria, sem deixar qualquer lugar para a gratuidade, para aquilo cujo valor é sentimento e vivência, não matéria e não facilmente monetarizável: tomar uma cerveja com os amigos no fim de semana, sentar-se com a família e brincar com os filhos (...). O capitalismo mercantilizou tudo, desde o sexo até a mística, e não deixou espaço para a dimensão humana, sem a qual não nos sentimos realizados. É o espaço da gratuidade, daquilo que não é mercadoria" (Leonardo Boff, op. cit., p. 87).**

O sucesso do capitalismo deve à sua eficácia econômica: a velocidade em que se produz e se consomem mercadorias, possibilitando o objetivo do máximo de lucro em um mínimo de tempo, racionalizando a produção e não levando em consideração aspectos psicológicos, ecológicos e humanistas envolvidos na mesma. Mas, perguntamos junto com Maurice Cury, escritor

francês, na introdução ao "*Livro Negro do Capitalismo*", Editora Record, em benefício de quem e a que preço?

É ainda esta autor francês quem continua:

Após seu grande período de expansão no século XIX, devido à industrialização feroz e à feroz exploração dos trabalhadores [que incluíam velhos, mulheres e crianças em jornadas que podiam ir até 16 horas diárias, sem direito a férias], o movimento [de globalização da economia] que se acelerou nas duas últimas décadas levou quase à extinção o pequeno produtor rural, devorado pelas grandes explorações agrícolas [ou pela ganância especulativa de latifundiários], trazendo consigo, além da instabilidade emocional, migrações desesperadas, poluição, a destruição de paisagens naturais e a degradação do meio-ambiente (e tudo isso a custa do contribuinte, uma vez que a agricultura foi sempre subsidiada); o quase desaparecimento do pequeno comércio, particularmente de alimentação, em benefício da grande distribuição dos hipermercados, a concentração das indústrias em grandes empresas nacionais, depois transnacionais que tomam tais proporções que chegam a ter tesourarias mais importantes que as dos Estados e até, por conta de seu poder, fazem as lei (ou pretendem fazê-la), tomando medidas para reforçar o seu poder sem controle, como por exemplo, através do Acordo Multinacional sobre o Investimento (AMI), acima dos estados (a United Fruit é patrão em vários Estados da América Latina).

Os dirigentes capitalistas poderiam até temer que o desaparecimento do pequeno produtor rural e do pequeno comerciante, do artesão e da pequena burguesia industrial e comercial reforçasse demais, além da linha de segurança, as fileiras do proletariado, tendo como consequência um potencial aumento de poder político destes. Mas o "modernismo" mecanicista veio trazer-lhes o cabresto e o controle com a automação, a miniaturização e a informática. Após o despovoamento dos campos, assistimos agora o das fábricas e escritórios. Como o capitalismo não sabe nem quer partilhar o lucro e o trabalho (vemos isso nas reações indecentes e históricas do patronato à jornada de 35 horas semanais - medida de resto bem tímida), chegamos inelutavelmente ao desemprego e ao seu séquito de desastres sociais (Op. cit. pp. 17-18).

Então, ao que vemos, o tal mundo livre não é tão livre nem tão natural assim, a não ser no discurso: monopólios, oligopólios, cartéis e atuações de várias multinacionais destroem a coesão cultural e a personalidade (se chegaram a ter ao menos um esboço de alguma) própria dos países do Terceiro Mundo, além de explorarem sem dó nem piedade os recursos naturais e humanos destes "países periféricos". A tal concorrência benéfica passa a ser fantasia diante das monstruosidades que são as mega-empresas transnacionais que podem, inclusive, ajudar e derrubar governos que julguem desfavoráveis aos seus interesses, seja de que ramo for, impondo preços e tarifas e condicionando o comportamento de indivíduos e grupos sociais. Se entre estes existem ainda pessoas que se ocupam do homem, aqueles se preocupam com a mercadoria. Aliás, estas só lhes trazem benefícios enquanto o homem só traz despesas e complicações. Afinal, já se ouvi falar de mercadorias que exijam justiça social? Concordando com Gilles Perrault, diria que os únicos balanços que valem alguma coisa nas frias planilhas e gráficos das empresas multinacionais são os balanços contábeis, demonstração do extremo racionalismo aplicado à máxima obtenção de lucros e nada de humanismo. Para os arautos bem nutridos do sistema,

"só mesmo a arrogância fútil dos idealistas em querer mudar este estado de coisas, com as lamentáveis consequências cíclicas que já sabemos: revolução, repressão, decepção, contrição e a volta ao ninho capitalista. Eis precisamente o verdadeiro pecado original do homem: esse perpétuo bicho-carpinteiro que o leva a sacudir o jugo, a ilusão lírica de um futuro livre de exploração, a pretensão de mudar a ordem natural das coisas"(Gilles Perrault, O Livro Negro do Capitalismo, página 11).

A ordem natural das coisas, portanto, segundo os neoliberais, é o império do capitalismo, tendo como sede a potência do Norte. Sendo assim, já não é preciso mais da História enquanto processo humano de busca de uma sociedade mais justa, pois a História acabou, como gritou o nipo-americano Francis Fukuyama: a luta determinou um vencedor entre o capital e o social. Ao vencedor, portanto, toda a honra e toda a glória, bem como a apropriação dos despojos do vencido: sem a ameaça marxista a barrar nossa ânsia, vamos transformar todo o planeta em um grande mercado global onde o que deve ou não ser consumido possa ser estabelecido pelas grandes multinacionais, impreterivelmente em sua maioria com sede ou origem nos Estados Unidos.

A globalização tem um lado perverso? Ora, que tenha, qual obra ou investimento de vulto que não algum custo? São custos humanos? Menos mal... pior seriam os custos se o atingido fosse o capital. Aliás, até que o desemprego não é algo tão ruim assim, pois força a especialização do desempregado na sua luta desesperada por um novo posto de trabalho temendo que outros, os sem-emprego, tomem seu lugar. É este o discurso cínico de mega-empresários e especuladores financeiros em suas filosofadas de gabinete.

Quanto mais desempregados, aumentando a reserva de trabalhadores, se pode usá-la para calar as reivindicações de quem tem o privilégio de ainda estar empregado.

"Até que o mundo esteja nas mãos de umas poucas multinacionais, majoritariamente americanas, e praticamente não haja necessidade de trabalhadores, senão uma elite cada vez mais competitiva de técnicos... o problema para o capitalismo será então o de encontrar consumidores fora desta elite e de seus acionistas... e de suportar a delinquência nascida da miséria

"As devastações, no espaço de um século e meio, pelo colonialismo e o neocolonialismo, são incalculáveis, como impossível é calcular os milhões de mortos que lhes são imputáveis. Todos os grandes países europeus e os Estados Unidos são culpados. Escravatura, repressões impiedosas, torturas, expropriação, roubo de terras e dos recursos naturais pelas grandes companhias ocidentais, americanas ou transnacionais ou por potentados locais a seu serviço, criação ou desmembramento artificial de países, imposição de ditaduras, monoculturas de exportação substituindo as culturas de subsistência destruição dos modos de vida e das culturas ancestrais, desmatamento e desertificação, desastres ecológicos, fome, êxodo das populações rumo às megalópoles, onde as esperam o desemprego e a miséria

"As estruturas utilizadas pela comunidade internacional para regular o desenvolvimento das indústrias ou do comércio estão inteiramente nas mãos e ao serviço do capitalismo: o Banco Mundial, O FMI (...). Estes organismos serviram apenas para endividarem os países do Terceiro Mundo, através de uma elite corrupta que foi a única privilegiada neste jogo sujo, e para lhes impor e seduzir com seu credo liberal. Se por um lado permitiram o desenvolvimento de acintosas fortunas locais, por outro mais não fizeram do que aumentar a miséria física, moral e intelectual das populações. Ao mesmo tempo, os serviços essenciais relativos à educação, à saúde, ao ambiente, à cultura, à solidariedade, enfim, a tudo o que diz respeito ao social e ao humano, deixarão de ser assegurados porque não são suficientemente rentáveis e não interessam ao setor privado, a menos que se possam auferir lucros por meio da comercialização destes serviços. Ou então só podem ser prestados pelo Estado e pelos cidadãos, dos quais o liberalismo quer retirar todo o poder e todos os meios" (Maurice Cury, op. cit., p. 19).

Porém, as atrocidades humanas estimuladas pela busca do lucro fácil em cima da exploração do próprio homem começou a muito mais tempo, bem antes do século XIX, seguindo o rastro do mecanicismo iniciado pela Revolução Científica do Século XVII. Montesquieu já observava em 1721 que na África *"há duzentos anos os pequenos reis ou chefes das aldeias vendem seus súditos aos príncipes da Europa para os levarem para suas colônias na América"*. O mesmo

autor em seu clássico *O Espírito das Leis* (1748) ele ironiza a preguiça dos povos da Europa que tendo exterminado os da América sob este pretexto, "tiveram de escravizar os da África, servindo-se deles para desbravar tantas terras". Na mesma obra observa que "O açúcar de cana seria muito caro se não fizéssemos trabalhar a planta que o produz através dos escravos". Outro iluminista conhecido, Voltaire, expressa sua revolta em seu romance *Cândido*, na voz de um escravo mutilado: "É a este preço que vocês comem açúcar na Europa". Os escravos, portanto, eram máquinas exploráveis, não assalariada, portanto fator de maximização plena dos lucros pela extorsão absurda e desumana da mais-valia produzida. Isso fará o historiador Philippe Paraire desabafar em relação à prática da escravatura (que além de Portugal e Espanha foi também explorada em seu tráfico e em sua produção agrária pela Inglaterra - que traficou até 1812 -, e pela Holanda), na formação do capitalismo primitivo:

"Parece inconcebível que vinte milhões de homens, mulheres e crianças tenham sido arrancados de seu lar e sua terra para responder a um problema de produtividade: tendo em conta os riscos do comércio transatlântico, era preciso reduzir a massa assalariada a zero para se obter um lucro satisfatório. Deste modo, o cálculo do custo da produção de café, do cacau, do açúcar e do algodão só podia ser favorável anulando os salários, a fim de extorquir uma mais-valia máxima; o trabalhador escravo, cujo custo total se limitava ao seu preço de venda e à alimentação estritamente necessária, constituía assim uma espécie de mina viva: produzindo ente cinco e dez vezes a mais-valia de um assalariado da Europa, o escravo contribuía para o enriquecimento dos colonos brancos, dos negreiros e dos comerciantes da metrópole.(...) Apesar dos historiadores tendenciosos que atribuem ao feudalismo africano a iniciativa do tráfico (...), apesar dos bajuladores do liberalismo que se recusam a contabilizar os lucros da economia servil e associá-los ao salvamento depois ao crescimento das economias europeias, é preciso dizê-lo e não ter medo de repetir: um conjunto de fatos incontestáveis mostra que o capitalismo nascente não sangrou somente os povos da Europa. Ele baseou sua expansão sobre um ossário humano como a História, apesar de já sangrenta, jamais tinha visto: vinte milhões de ameríndios exterminados em três séculos e doze milhões de africanos - que sobreviveram à sua captura comércio e transporte - mortos de trabalhar no mesmo período. Dois continentes inteiros sacrificados para estabelecer um sistema criminoso e sem moral e sem outra lei além da lei do lucro. Mais de trinta milhões de seres humanos assassinados pelo capitalismo em sua primeira fase, de maneira direta e indiscutível" (Philippe Paraire, Ob. cit., p. 53 & 57-58).

Porém, logo ficou claro que a exploração da mão de obra escrava já não servia mais ao novo patamar de desenvolvimento do capitalismo, que era o da Revolução Industrial, pois este exigia ao mesmo tempo uma certa mão de obra qualificada (que, independente de sexo e idade chegavam a trabalhar até 18 horas por dia, seis a sete dias por semana) e, da mesma forma, um escoamento massivo da produção para os países agrários da América Latina e Ásia, onde deveria haver uma população que ganhasse salários para consumir este escoamento.

Na Índia, a tradicional e milenar manufatura familiar de tecidos de seda e do cultivo do índigo foram desmanteladas pela Inglaterra, que passou a exigir que os hindus consumissem os têxteis de algodão das fábricas inglesas. Igualmente necessário era a exportação do excedente de trabalhadores europeus que se transformara em um perigo para as classes patronais da indústria e que, portanto, procuravam meios de exportar este excedente de mão de obra para a América, para tomar o lugar dos escravos, aumentando o mercado de consumidores pagantes.

Enquanto isso, na Europa, os movimentos nacionalistas (a unificação tardia da Alemanha e Itália, por exemplo) e a competitividade colonialista das grandes potências (em especial a Inglaterra e a França) levaram a um crescente processo de tensão e a uma corrida armamentista que deu início a uma nova, pungente e lucrativa indústria: a de materiais bélicos (até hoje uma das mais -

senão a maior - áreas de divisas para os países desenvolvidos). Esta, desde cedo bastante enriquecida, paralelamente às manobras políticas e militares dos países (sempre em busca de mercados e novas colônias), incentivava os desentendimentos e jogos de todas as partes. O nacionalismo e patriotismo destas fábricas (com filiais em ambos os lados em conflito) valiam bem menos que o tilintar das caixas registradoras. Por exemplo, a Nobel Trust (poderíamos citar ao menos umas dez outras empresas voltadas à construção de canhões e outros materiais bélicos com filias em ambos os lados do conflito), uma das principais produtoras de pólvora entre os anos 1880 a 1920, tinha sede da Inglaterra e filiais na Alemanha e Japão (que funcionaram mais que nunca durante a Primeira Guerra). Portanto, a guerra viria a se tornar um excelente negócio para a grande indústria internacional bélica, que irá mesmo usar de sua influência para estender ao máximo possível a duração dos conflitos usando da propaganda e do suborno de dirigentes para inflamar as paixões nacionalistas.

De tal forma cresceu a paranóia e o ardor industrial da corrida armamentista que hoje, nos Estados Unidos, as melhores cabeças científicas trabalham direta ou indiretamente para o Pentágono ou para as várias indústrias ligadas ao setor militar, como a Pantex, por exemplo, onde são montadas a maior parte das armas nucleares norte-americanas. O contingente mais simples de armamentos, ou os já ultrapassados são vendidos a outros países, em especial os chamados países em desenvolvimento. E vez por outra vemos o fato de que a "criatura" financiada pelas grande potências, em especial em armamentos, freqüentemente acabam fazendo alguma coisa que atiça a ira e o intervencionismo de seu "criador" (Saddam Hussein, os Talibães, os generais da América Central, etc.).

A cultura da violência, através do estudo das guerras no colégio e dos heróis militares fazem parte da modelagem do pensamento educacional oficial. Espaço pare gerais (sempre esquecendo-se dos sacrifícios reais de seus soldados subordinados) do exército vencedor é o mesmo para heróis de fantasia (sempre ao lado do vencedor, pra variar) como os Rambos e os Capitães-América. Interessante que nunca se dá muito espaço ou valor aos "Heróis da Paz", como Ghandi, Martin Luther King, Madre Tereza de Calcutá, Mandela, Leonardo Boff, Chico Xavier, Chico Mendes ou Dom Hélder Câmara, nem de seus trabalhos, escritos e ações nas escolas, talvez por representarem uma visão de mundo ou exibirem um comportamento que vai de encontro ao comércio dos que adotam os heróis da violência, por vestirem a roupagem da competitividade e da disputa feroz tão querida ao capitalismo... Fala-se muito em Paz, mas em paz armada, e não em Paz que, nascida do espírito através da educação e do amor, possa ser compartilhada e vivenciada, não da competitividade e da arrogância mercantilista de um mundo onde a competição virou regra e onde, se o PIB duplicou na década de 90, a pobreza foi multiplicada por dez vezes... A péssima distribuição de renda e a valorização das pessoas pela exibição de riquezas é, hoje em dia, a maior causa de violência. Veja aqui um documentário do site [Paz pela Paz](#) com algumas das fotos que demonstram a estupidez do comércio da Guerra, *de qualquer guerra*, e como nós, da sociedade civil do nordeste, estamos começando uma campanha que promete atingir todo o Brasil no desafio pela Paz..

Para quem, saltando as edições "oficiosas" devidamente montadas dos noticiários nacionais e internacionais das televisões comprometidas com o capital e que meramente pincela o assunto, observa os fatos, o fantasma do desemprego estrutural está patente ai para todos, inclusive no Primeiro Mundo: cerca de vinte milhões de desempregados na França, filas de pessoas que perdem seu trabalho no Japão e até mesmo nos Estados Unidos, paraíso e sede máxima do capitalismo, mas de 39 milhões de pessoas vivem ou estão pertos do limar da pobreza (em sua maioria pessoas de cor e hispânicos). Além disso, o desvio de dinheiro da área produtiva para a área da especulação nas Bolsas de Valores - onde se trabalha, além da aposta em fatos que ainda nem ocorreram e talvez nem venham a acontecer, com dinheiro "virtual" - pode ajudar no incremento da

riqueza pessoal de uma minoria insignificante de grandes acionistas, mas impede a produção de bens úteis a populações ou povos inteiros.

Um outro aspecto que salta aos olhos é a racionalização extremada do capitalismo dissociada de aspectos éticos e emocionais, a ponto do ridículo. Ciências como a Economia, a Estatística e a Contabilidade, por exemplo, gastam rios de tinta em tabelas cartesianas de Oferta x Procura, Lucros Líquidos e Lucros Brutos, gráficos de crescimento e otimização da produção, sempre, porém, sem levar em conta as conseqüências sociais e ambientais da espiral enlouquecida que é o sistema produtivo e financeiro de nossos dias. Ou, como fala a brilhante professor, escritora, editora e pesquisadora brasileira Rose Marie Muraro em seu livro "Textos da Fogueira", Editora Letraviva, Brasília, 2001:

*"A razão pura, como tudo que é exagero, é louca, a racionalidade é insana quando dissociada da emoção. Leva esse mundo a ser matemático, e a matemática é a mais pobre e a mais difícil das ciências. Porque ela é a ciência que vem dessa fase da evolução da psique que transforma os seres humanos em coisas e quantifica tudo. A matemática, tal como é utilizada hoje, é a suprema flor do sadismo anal de que fala Sigmund Freud. Dessa fase anal, que transforma tudo em fezes, em coisas, tudo, absolutamente, tudo em dinheiro ou meios de se fazer e/ou obter dinheiro, em ouro, tudo em números... Na fase anal, a criança começa a brincar com suas fezes, pois nota que é algo que sai de dentro de seu corpo. Diz Freud em **O Mal-Estar na Civilização** que o sistema capitalista como um todo é fixado nesta fase, pois transforma tudo em coisas, e em coisas descartáveis, sob a forma de mercadoria que se transforma em dinheiro, ouro e números. A sublimação que se inicia nessa época da evolução da criança é a transformação do prazer anal em outra forma de prazer, por meio da educação e desvio da energia deste para outros interesses; não parece ser o caso, porém, dos mega-especuladores financeiros ou dos altos executivos das multinacionais.*

"E são exatamente a hipertrofia da racionalidade e objetividade aplicada à ânsia do dinheiro que criam a ciência sem ética e a tecnologia sem coração. Portanto a ciência e a tecnologia abstratas e objetivas também objetivam e tornam virtual aquilo que é humano e por isso destroem, matam esse humano. Lembro-me, por exemplo, da economia abstrata do FMI, que trata os países como num jogo de xadrez e assim trata como virtuais a posse, a pobreza de milhões de pessoas" (Muraro, Rose Marie, op. cit. pp. 46-17).

As principais táticas de expansão, domínio, previsão e controle do sistema capitalista são basicamente seis, conforme cita Maurice Cury: a guerra (ou a proteção paga ou apadrinhamento, segundo o modelo da máfia), a repressão (em varias formas), a espoliação, a exploração, a usura, a corrupção e a propaganda.

"A guerra contra os países rebeldes, desobedientes, que não respeitam os interesses do ocidente industrializado. Aquilo que foi apanágio da Inglaterra e da França, na África e na Ásia (...) é hoje em dia dos Estados Unidos, nação que pretender reger o mundo. Os Estados Unidos não pararam, para tal, de praticar uma política ostentatória de acumulação de armas (que, de resto, proibem aos outros). Assistimos ao exercício deste imperialismo em todas as intervenções diretas ou indiretas dos Estados Unidos na América Latina e particularmente, de forma mais direta e mais recente, na América Central (Nicarágua, Guatemala, El Salvador, Honduras, Panamá), na Ásia, no Vietnã, na Indonésia, em Timor (com um genocídio proporcionalmente muito maior que o dos Khmers Vermelhos no Camboja - cerca de dois terços da população -, e perpetrado com a indiferença - quando não com a cumplicidade do ocidente para com o Tio Sam), nos golpes militares na América do Sul (Brasil, Argentina, Chile), na Guerra do Golfo, etc.

"A guerra não se faz só pelas armas, ela pode ser mais eficaz e sutil, assumindo formas inéditas: por exemplo, os Estados Unidos ajudaram Saddam Hussein quando este guerreava

com o Iraque, onde morava um inimigo odiado pelos Estados Unidos, o Aiatolá Khomeyni; também não hesitaram em ajudar a seita fanática do reverendo Moon na Coréia para lutar contra o comunismo, não hesitaram em armar os fundamentalistas islâmicos do Talibã contra a ex União Soviética. A guerra pode também tomar a forma de embargos comerciais contra Estados indóceis (Cuba, Iraque) que são mortíferos para as populações (vários milhares de mortos no Iraque).

"As práticas do capitalismo são próximas das da máfia; deve ser por isso que esta prolifera tão bem em seu terreno.

"Tal como a máfia, o capitalismo protege os dirigentes dóceis, que desarvegonhadamente permitem que seus países sejam explorados pelas grandes associações transnacionais. Deste modo, ele consolida - quando não é ele próprio quem as instala - as ditaduras, mais eficazes na proteção de empresas do que a democracia.

"As suas armas são indistintamente a democracia ou a ditadura, o negócio ou o gangsterismo ou o assassinato. Assim, a CIA é, sem dúvida, a maior organização criminal em escala mundial (...).

"A propaganda. Para impor o seu credo e justificar a corrida armamentista, os seus delitos e os seus crimes sangrentos, o capitalismo sempre invoca ideais generosos: defesa da democracia, da liberdade, luta contra as ditaduras e defesa dos valores do Ocidente, quando na verdade, ele apenas defende, na maioria das vezes, os interesses de uma classe poderosa, ou quer apoderar-se das matérias-primas, comandas a produção do petróleo ou controlar regiões estratégicas. Esta propaganda é bem difundida por autoridades econômicas, por uma imprensa e por meios de comunicação servis. São os 'cães de guarda' já denunciados por Nizam (...)" (Maurice Cury, op. cit, pp. 20-22).

É esta uma parte do quadro atual da atuação do capitalismo. Em sua frente, constituída pelos países do primeiro mundo, em especial os EUA, o verniz da tecnologia e do padrão de consumo fascina, mas o resto do mundo, constituindo o quintal, demonstra que existem ossos e rostos descarnados mendigando e pagando sem culpa alguma pela exploração dos primeiros. Se pela propaganda e pela superfície a casa parece perfeita, por dentro está minada, ou como, diz Cristo nos evangelhos, "por fora são limpos e caiados, mas por dentro está cheia de podridão e corrupção"...

E quanto à fracassada experiência "comunista"? Não seria ela prova suficiente de que estas belas idéias socialistas não passam de fantasia a encobrir regimes totalitários e criminosos? Ora vejamos o que nos fala Gilles Perrault:

"Aqueles que anunciam o amanhã cantando por mais justiça expõem-se à acusação de fraude quando a tentativa soçobra numa terrível cacofonia. O capitalismo, no entanto, conjuga-se prudentemente no presente. Ele é. Nada de manifestos, nada de declarações, nem pontos programando a 'felicidade de pronta entrega'. Ele o esmaga, ele o estripa, o escraviza, o martiriza, o enche de dívidas - enfim, o decepciona? Você tem o direito de se sentir infeliz mas não decepcionado, pois a decepção supõe um compromisso traído. O futuro? Entregue-o de livre vontade aos sonhadores, aos ideólogos, aos religiosos humanistas e aos ecologistas. Também seus crimes (do capitalismo) são quase perfeitos. Nenhum vestígio deve comprovar a premeditação. O golpe de 1964 no Brasil ou o Terror de 1973 no Chile - ora, é fácil para aqueles que não gostam de revoluções imaginar os reais responsáveis: o ideal humanista do iluminismo e essa irrazoável e não útil vontade de ordenar a sociedade segundo a razão razoável. No caso do comunismo, as bibliotecas estão abarrotadas de obras que o incriminam. Nada disso para o capitalismo (...) Este não aceita ser julgado senão sobre o que desde sempre o motivou: a procura do máximo de lucro no mínimo de tempo (...). Falar de crimes é não ser pertinente. Não se mexa, o capitalismo se mexe por

você, pensa por você, decide por você. Mas, é claro, como a natureza tem suas catástrofes, o capitalismo também tem. Quem se lembraria de procurar responsáveis por um tremor de terra ou para um maremoto? O crime implica, antes de mais nada, a existência de criminosos discerníveis. Para o comunismo, as fichas antropométricas incriminatórias são fáceis de fazer: dois barbudos (Marx e Engels), um de barbicha (Lênin), um de óculos (Trotsky), um que atravessa o Yang-Tsé-Kiang a nado (Mao), um apaixonado por charutos (Fidel), etc. Mais facilmente, podemos odiar estes rostos. São de carne e osso e são localizáveis em uma região. Tratando-se do capitalismo, só existem índices: Dow Jones, Nasdaq, CAC, Nikkei, etc. Experimente, só para ver, testar um índice impessoal, sem rosto. O Império do Mal [a projeção da contraparte negativa do próprio capitalismo] tem sempre uma área geográfica, capitais (Pequim, Havana), é localizável. O capitalismo, ao contrário, é o Grande Irmão que está em toda parte e em parte alguma. A quem endereçar as intimações para um eventual tribunal de Nuremberg?

"Capitalismo? Que arcaísmo mais obsoleto! Atualize-se com a palavra adequada: neoliberalismo. O dicionário define "liberal" como "o que é digno de um homem livre". Não soa bem? E oferece-nos uma lista convincente de antônimos: "avaro, autocrata, ditatorial, dirigista, fascista, totalitário". Você encontraria possivelmente várias desculpas para se definir como anticapitalista, mas confesse que iria precisar de muita astúcia para se proclamar antiliberal" (Gilles Perrault, op. cit, pp 11-12).

Para concluir, nada melhor que o desabafo de um poeta diante dos desmandos de um sistema econômico que vê o cisco nos olhos dos que o questionam, mas camufla e se cala diante da trave enorme e podre em seus próprios olhos:

"Partidários do liberalismo, arautos dos Estados Unidos, não ouvi a vossa voz elevar-se contra a destruição do Vietnã, o genocídio indonésio, as atrocidades e golpes perpetradas em nome do liberalismo na América Latina, contra a ajuda americana ao golpe de Estado de Pinochet, um dos mais sangrentos da História, a execução dos sindicalistas turcos (ou dos intelectuais de esquerda no Brasil); a vossa indignação era um pouco seletiva: (...) Budapeste mas não a Argélia, Praga, mas não Santiago do Chile, o Afeganistão mas não Timor; não vos ouvi indignarem-se quando se matavam comunistas ou simplesmente aqueles que queria dar o poder ao povo ou defender os pobres. Pela vossa cumplicidade ou pelo vosso silêncio, não vos ouço pedir perdão" (Maurice Cury, op. cit. p. 22).

Carlos Antônio Fragoço Guimarães

João Pessoa, 31/01/2002

NOTAS DA EQUIPE

A FAGULHA

1 - Aos que tomarem gosto ao estudo das questões de cunho filosófico e científico desenvolvidas neste capítulo, remetemo-los á leitura da obra de Humberto Mariotti, "O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização", e, mais especificamente, aos seus capítulos IV e V, em que o filósofo argentino se põe a analisar, respectivamente, "A Filosofia Científica de Gustave Geley" e "O Significado Espírita do Materialismo Dialético".

2 - Vertida para o português, vindo a lume pela EDICEL, o livro intitulado originalmente "Parapsicologia y Materialismo Histórico" recebeu o nome de "O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização", sendo-lhe dado, ademais, o subtítulo de "Do Materialismo Histórico a uma Dialética do Espírito".

3 - Todos quantos se interessarem em se cientificar das expressões de Albert Einstein, ao efetuar uma análise apurada do tema "Por que o Socialismo?", deverão se endereçar às paginas 167 a 173 de "O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização", que transcreve artigo inserido na revista "Gauche Européene", de Paris.

4 - Em assim pensando, os jovens integrantes do Movimento Universitário Espírita (MUE) de Campinas houveram por bem se cometer à obrigação de esboçar um trabalho de natureza científica nesse sentido. Nele examinarão as implicações entre a Sociologia e o Espiritismo, conferindo ênfase especial às contribuições que uma ao outro se podem prestar mutuamente. Semelhante estudo frise-se, fará parte da tese que, em forma de anteprojeto, será apresentada em Sorocaba, SP, dias 5, 6 e 7 de setembro de 1.970, quando da efetivação da III Concentração dos MUEs do Estado de São Paulo, a qual, ulteriormente, virá a público em mais uma edição A FAGULHA.

5 - Reconhecendo que a busca da unidade na diversidade deve preocupar todos os espíritas, jovens e adultos, considerados em pé de igualdade, o MUE de Campinas, juntamente com o Departamento de Mocidade do 3º. CRE da USE-SP deu a conhecer sua proposta "Novos Rumos ao Movimento de Unificação", que se encontra em vias de ser submetida à apreciação do Conselho Deliberativo Estadual da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Procuramos assim, os moços, delinear uma nova vivência entre os espíritas em geral, na qual a co-participação e a co-responsabilidade lhes propiciem tornar comuns os problemas com que se deparam, tendo por fim traçar uma ação conjunta, sob o halo da fraternidade, rumo ao cumprimento de seus encargos específicos. A esse respeito, aliás, foi dedicada toda uma edição de A FAGULHA, precisamente a de nº. 8, correspondente a julho de 1 969.

6 - A prática do Serviço Social, à luz dos princípios espiritistas, aqui preconizadas, já constitui, de algum tempo a esta parte, motivo de preocupação dos

universitários espíritas paulistas. Assim é que, quando da efetivação da II Concentração dos MUEs do Estado, levada a efeito nesta cidade, a 19, 20 e 21 de abril de 1.969, procedeu-se ao estudo das correlações existentes entre o Espiritismo e aquela técnica que, sob a égide, doutrinária, se fada a se tornar um meio de promoção social e espiritual do homem. Demais, naquela oportunidade, resultou aprovada, com algumas alterações, uma tese elaborada pelo Departamento de Serviço Social do Movimento Universitário Espírita de São Paulo, a qual estás preste a ser divulgada aos borbotões. Importa salientar também, que, aliando a teoria à prática, assistentes sociais vinculados ao MUE da capital paulista desenvolvem presentemente um trabalho com foros de serviço social junto à Casa Transitória Fabiano de Cristo, instituição mantida pela Federação Espírita do Estado de São Paulo.

7 - Ciente de que nada guarda tão preponderante poder de transformação como o exemplo, que é pronunciado na linguagem concreta dos fatos e das realizações, o MUE de Campinas – começando por exemplificar o ideal de renúncia – instituiu, por sugestões de todos os seus componentes, o dízimo, tributo pelo qual como o próprio nome o indica – cada um dos que o integram recolhe aos cofres da entidade soma correspondente a 10% de seus proventos.

Porém, acima de tudo, cumpre notar que eles intentarão das contornos de realidade a uma experiência comunitária, na qual o trabalho associativo identificará todas as relações humanas. Juntarão, também nesse ponto, a teoria à prática, em sua campanha de esclarecimento que promovem em favor da libertação social e espiritual do homem.

Para tanto, numa primeira fase dessa vivência comunitária, cuidarão de oferecer aos que a seu lado trabalharem – possivelmente num empreendimento gráfico – uma vigorosa orientação sócio-espiritual. Numa palavra, porão cobro à exploração do homem pelo homem, que fere os princípios da isonomia divina. Isso por que entendem os rapazes do MUE de Campinas que a autoridade racional constitui condição para ajuda à pessoa que, temporariamente, se encontra em posição inferior. E à parte superior, por exercer uma autoridade fundada em princípios de amor e solidariedade, toca se empenhar mais e mais no afã de elevar a parte subordinada, para que cada vez menor seja a diferença que as separa.

Dessa maneira, afinando-se por um diapasão inovador, em tal experiência comunitária os universitários espíritas campineiros abdicarão – depois de convenientemente preparados, espiritual e culturalmente, os empregados dos seus direitos e prerrogativas de proprietários. Todos quantos nela trabalharem virão, então, a ser guindados à condição de sócios, banindo-se, por conseguinte, a distinção entre patrões e empregados. Por outro lado, é de bom alvitre acentuar que semelhante gráfica não terá outro objetivo fundamental que não o de proclamar o advento de uma nova era de compreensão entre os homens!